

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Tiago Ramos da Silva

**A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA 2ª GUERRA MUNDIAL: A
PARTICIPAÇÃO DO 6º RI NAS OPERAÇÕES DA FEB**

**Resende
2020**

Tiago Ramos da Silva

**A FORÇA EXPEDICIONÁRIABRASILEIRA NA 2ª GUERRA MUNDIAL: A
PATICIPACÃO DO 6º RI NAS OPERAÇÕES DA FEB**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial a obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Alexandre Neves Lemos Esteves – Cel R1

Resende
2020

Tiago Ramos da Silva

**A FORÇA EXPEDICIONÁRIABRASILEIRA NA 2ª GUERRA MUNDIAL:
A PATICIPAÇÃO DO 6º RI NAS OPERAÇÕES DA FEB**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial a obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 28 de junho de 2020.

Banca Examinadora:

Alexandre Neves Lemos Esteves – Cel Inf PTTC
(Orientador/Presidente)

Roberto Nunes da Cunha Neto – Maj Inf

Bruno Guimarães Melnick – Maj Inf

Resende
2020

Dedico esse trabalho em primeiro lugar à Deus, pois através dele consegui forças para continuar até aqui e prosseguir na realização do meu sonho de concluir o curso de oficiais da AMAN e me tornar oficial do Exército Brasileiro. Aos meus queridos pais a quem me proporcionaram todos os meios para que eu conquistasse minha tão sonhada estrela e foram minha base nos momentos difíceis da formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ter me guiado por todos os caminhos até esse momento onde pude encontrar minha vocação e continuar galgando os passos para concluir essa longa jornada da formação do Oficial de Carreira da linha bélica do Exército Brasileiro.

Agradeço também a minha família por ter sido a base de todas as minhas conquistas. Meu pai Pedro e minha mãe Lícia os quais não mediram esforços para que eu pudesse realizar meus sonhos. Aos meus irmãos Luciano e Paula os quais sempre me incentivaram a prosseguir independentemente das minhas dificuldades e ao meu filho Pedro o qual sempre foi meu maior motivo de alegria e inspiração para prosseguir lutando.

Ao meu orientador Cel Neves que muito me ajudou na confecção do meu trabalho, procurando sempre me direcionar da forma correta e me auxiliar sempre que eu precisava.

RESUMO

A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: A PARTICIPAÇÃO DO 6º RI NAS OPERAÇÕES DA FEB.

AUTOR: Tiago Ramos da Silva
ORIENTADOR: Alexandre Neves Lemos Esteves

Trata o presente estudo a respeito da campanha da Infantaria brasileira nos campos da Itália durante a 2ª Guerra Mundial, mais especificamente do 6º Regimento de Infantaria. O objetivo geral do estudo consiste em relatar como foram as fases de organização e emprego das tropas que compuseram o 6º RI, a chegada a Itália, a adaptação aos equipamentos e armamentos aliados, os principais feitos durante a guerra e como a participação no maior conflito da história da humanidade influenciou no futuro político, econômico e militar do Brasil. Foram consultadas obras das mais diversas fontes como documentos, livros, monografias e vídeos a fim de ampliar os conteúdos desse trabalho, bem como foram usados materiais específicos para enfatizar a importância da participação da tradicional unidade do Vale do Paraíba na Segunda Guerra Mundial. Também foram consultados materiais históricos que se encontram no museu pertencente ao 6º Batalhão de Infantaria Leve, em Caçapava-SP, e também a opinião de oficiais que serviram na unidade, para enfatizar a influência que se faz no presente, no batalhão e na cidade, dos grandes feitos do passado. O tipo de pesquisa utilizada foi a pesquisa documental e bibliográfica. Como resultado da pesquisa, foi verificada a importância dos feitos dos heróis durante a participação na FEB, pois, mesmo desacreditados, foram à Itália e mostraram o valor do soldado brasileiro frente a ameaça dos países do Eixo. Ao término do trabalho, concluiu-se que a campanha do 6º RI foi um sucesso e que as conquistas do passado são parte fundamental na história não apenas do batalhão ou da cidade de Caçapava, mas do Exército Brasileiro como um todo, servindo como exemplo de coragem e determinação para os soldados do futuro. Essa pesquisa se faz relevante, pois é objeto de estudo para a formação do Oficial da Linha Bélica do Exército Brasileiro, além de prestar uma singela homenagem a histórica unidade de Caçapava em comparação ao reconhecimento que realmente merece o 6º Regimento de Infantaria.

Palavras-chaves: história militar, infantaria, FEB, 6º Regimento de Infantaria

ABSTRACT

THE BRAZILIAN EXPEDITIONARY FORCE IN WORD WAR II: THE 6° INFANTRY REGIMENT IN OPERATIONS OF FEB

AUTHOR: Tiago Ramos da Silva

ADVISIOR: Alexandre Neves Lemos Esteves

This study deals with the Brazilian Infantry campaign in the fields of Italy during World War II, more specifically of the 6th Infantry Regiment. The general objective of the study is to report on the phases of organization and employment of the troops that made up the 6th IR, the arrival in Italy, the adaptation to allied equipment and armaments, the main achievements during the war and how to participate in the greatest conflict. of human history has influenced the political, economic and military future of Brazil. Works from various sources were consulted, such as documents, books, monographs and videos in order to expand the contents of this work, as well as specific materials were used to emphasize the importance of the participation of the traditional unit of the Paraíba Valley in the Second World War. Also consulted historical materials that are found in the museum belonging to the 6th Battalion of Light Infantry, in Caçapava-SP, and also the opinion of officers who served in the unit, to emphasize the influence that is made in the present, in the battalion and in the city, of the great deeds of the past. The type of research used was documentary and bibliographic research. As a result of the research, the importance of the heroes' achievements during their participation in the FEB was verified, since, even though discredited, they went to Italy and showed the value of the Brazilian soldier in face of the threat from the Axis countries. At the end of the work, it was concluded that the 6th IR campaign was a success and that the conquests of the past are a fundamental part of the history not only of the battalion or city of Caçapava, but of the Brazilian Army as a whole, serving as an example of courage and determination for the soldiers of the future. This research is relevant because it is the object of study for the formation of the Brazilian Army's Military Line Officer, in addition to paying a simple tribute to the historic unit of Caçapava in comparison to the recognition that the 6th Infantry Regiment really deserves.

Palavras-chaves: military history, infantry, FEB, 6° Infantry Regiment

LISTA DE ABREVIATURAS

1ª GM	Primeira Guerra Mundial
2ª GM	Segunda Guerra Mundial
AC	Anti-Carro
AMV	Aeromóvel
ANL	Aliança Nacional Libertadora
BI	Batalhão de Infantaria
Blt	Batalhão
Cap	Capitão
CMDO	Comando
C Ex	Corpo de Exército
Cia	Companhia
DIE	Divisão de Infantaria Expedicionária
Ex	Exército
EUA	Estados Unidos da América
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FFAA	Forças Armadas
Fuz	Fuzileiro
Gen	General
JBUSDC	Joint Brazil-United States Defense Commission
JBUSMC	Joint Brazil-United States Military Commission
Ob	Obuseiros
OND	Órgãos Não Divisionários
PC	Posto de Comando
Pel	Pelotão
PP	Petrechos Pesados
R Bld	Regimento Blindado
RI	Regimento de Infantaria
Sau	Saúde
Sd	Soldado
Sgt	Sargento
Sv	Serviço
Ten	Tenente

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS	12
1.1.1	Objetivo Geral	12
1.1.2	Objetivos Específicos	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	13
2.1	Revisão da literatura e antecedentes do problema	13
2.2	Referencial metodológico e procedimentos.....	14
3	OS FATORES QUE MOTIVARAM A 2ª GUERRA MUNDIAL.....	15
3.1	Como estava o mundo naquela época.....	15
3.2	Os interesses por trás de uma nova guerra.....	17
3.3	O início da Segunda Guerra Mundial	20
4	O BRASIL E A GUERRA	21
4.1	O Brasil no contexto político, militar e econômico	21
4.2	Como era vista uma possível participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial ...	23
4.3	Fatores que pressionaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial.....	23
5	PREPARATIVOS PARA O COMBATE	25
5.1	A parceria Brasil e EUA	25
5.2	A criação da Força Expedicionária Brasileira	27
5.2.1	Mobilização e mudança de doutrina.....	28
5.2.2	Treinamento e preparação	29
5.3	A composição e o envio do 6º RI ao teatro de operações.....	30
6	O 6º RI NO TEATRO DE OPERAÇÕES	32
6.1	A chegada do 6º RI em solo italiano.....	33
6.2	A preparação para o combate na Itália.....	34
6.3	O batismo de fogo e as primeiras missões do 6º RI na Segunda Guerra Mundial	36
6.4	1ª Fase: O destacamento FEB e as operações no Vale do Rio Serchio	38

6.5	2ª Fase: Porreta Terme, Monte Belvedere, Monte Castelo, Soprasasso e Castelnuevo, as operações no Vale do Reno	40
6.5.1	Monte Belvedere e Monte Castelo	41
6.5.2	Soprasasso e Castelnuevo	43
6.6	3ª Fase: As operações no vale do Rio Panaro, a ofensiva da primavera e a conquista de Montese	45
6.6.1	Montese	45
6.7	4º Fase: As operações no Rio Pó, Collecchio e Fornovo di Taro	47
6.7.1	A rendição incondicional da 148ªDI Alemã em Fornovo di Taro.....	48
7	O FIM DA 2ª GUERRA MUNDIAL E O RETORNO DO HEROIS BRASILEIROS	52
7.1	Os últimos atos na Guerra.....	52
7.2	A volta para casa dos heróis	53
7.3	O futuro.....	54
7.3.1	Político.....	54
7.3.2	Econômico	55
7.3.3	Militar	55
7.3.4	Social	55
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

“*Si vis pacem, para bellum*”, em tradução literal significa: “Se quer a paz se prepare para a guerra”. Esse antigo provérbio romano traduz bem a necessidade da boa preparação, mesmo em tempos de paz, das forças militares em especial a força terrestre.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) é o berço de todos os Oficiais Combatentes da linha bélica do Exército Brasileiro. A AMAN tem por finalidade preparar o futuro comandante para as mais diversas situações que se possa encontrar durante sua vida militar. Inserindo no cotidiano dos cadetes, valores que hoje são tão raros na sociedade, dentre eles o “espírito de cumprimento de missão” e o amor à Pátria.

Sendo assim, a AMAN é a garantidora de que no Brasil sempre haverá um exército coeso e bem capacitado, preparado para as incertezas do futuro e com a certeza de que a missão sempre será bem cumprida.

A capacitação do futuro Oficial oriundo da AMAN passa por diversos estágios e é dividida em duas vertentes: a combatente e a acadêmica. A formação acadêmica do Cadete é estruturada em diversas matérias divididas durante os quatro anos de formação até ser declarado Aspirante a Oficial. Dentre essas matérias, existe a disciplina de História Militar a qual o Cadete tem um contato diferenciado com a história de seu país.

Assim ficam os questionamentos: Por que o Cadete, futuro comandante, deve estudar história? E por que especificamente o Oficial Combatente deve saber os fatos históricos que contribuíram para a formação da doutrina e do preparo do Exército Brasileiro? E em que qual momento da história militar do Brasil seria mais oportuno podermos observar a aplicação prática das decisões dos líderes militares do passado brasileiro?

Com base nesses questionamentos, este trabalho busca subsídios dentro do contexto da história militar do Brasil e do mundo, mais especificamente da campanha na Segunda Guerra Mundial do 6º Regimento de Infantaria (Regimento Ipiranga), para observar se o encontro entre a doutrina e a operacionalidade naquele momento da história e também proporcionar o merecido destaque a atuação do 6º RI no teatro de operações italiano.

De forma resumida, esse trabalho aborda desde o fim da Primeira Guerra mundial, passando pelo período “Entre Guerras” com a explicação dos fatores que motivaram uma nova guerra mundial, dos beligerantes dos conflitos, da situação do Brasil na década de 1930 e das motivações que levaram o Brasil a declarar guerra contra os países do Eixo. Será explicado também, os fatores da criação da FEB, a mobilização e o envio das tropas brasileiras para Europa e seus feitos, com ênfase no 6º RI. E, finalmente, o que a participação do 6º RI no mais

sangrento conflito da história da humanidade trouxe para a história do atual 6º Batalhão de Infantaria Leve e da cidade de Caçapava.

Então o porquê do futuro comandante ter o dever de estudar história é simplesmente traduzido nessa famosa frase de George Satayana: “Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo”. (NASCIMENTO, 2016)

Baseado nessa citação pode-se imaginar que para não errar no futuro por compreender o passado. Por isso a necessidade do Cadete de Caxias aprender a história Militar do Brasil bem como compreender as doutrinas e empregos nos diversos episódios buscando o aprimoramento constante para garantir que o Exército do Futuro seja sempre mais forte.

Esta pesquisa justifica-se por entender melhor a atuação do Regimento Ipiranga no momento mais sangrento da história da humanidade. Visando explorar desde a sua escolha para compor as linhas da 1º Divisão de Infantaria Expedicionária, a adoção de uma nova doutrina, o preparo para o combate, o combate propriamente dito até o retorno para casa dos “pracinhas” do 6ºRI e também proporcionar o merecido destaque ao seu emprego no teatro de operações italiano.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Explorar a atuação do 6º Regimento de Infantaria na campanha da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária na Segunda Guerra Mundial.

1.1.2 Objetivos Específicos

Entender os motivos para que ocorresse a 2ª GM;

Entender os motivos que levaram o Brasil a declarar guerra contra o Eixo;

Abordar sobre a criação e composição da FEB;

Entender como foi o envio do 6º RI à Itália;

Ressaltar a campanha do Regimento Ipiranga no teatro de operações;

Analisar de forma sucinta como foi o futuro após o fim da guerra.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O tema da pesquisa insere-se na área de estudo História Militar, conforme definido na Portaria nº 734 de 19 de agosto de 2010, do Comando do Exército Brasileiro, que define as áreas das ciências militares no âmbito do Exército Brasileiro.

2.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema

Para obter subsídios para esse trabalho, buscando fatos relevantes que comprovem a eficácia e excelência do 6º RI nas operações a qual a FEB foi incumbida foram pesquisadas várias fontes, dentre elas está Silveira (1947), que aborda a participação expedicionária do Regimento Ipiranga com a visão de combatente, pois, vivenciou os fatos nos campos de batalha na Itália.

De maneira geral a participação da FEB teve vários reflexos no futuro do Brasil em especial a volta da democracia. Para Faria (2015) o Brasil e seu povo tem que reconhecer que a volta dos ideais democráticos está atrelados a participação das forças armadas brasileiras na luta contra governos totalitários na Europa.

Também pode-se destacar que os acontecimentos na 2ª GM foram fatores preponderantes para a evolução e maturidade das doutrinas do Exército Brasileiro, servindo de base para a motivação e bravura do soldado do futuro. Mas infelizmente os pracinhas não foram devidamente reconhecidos, como é relatado por Oliveira (2012, p.49) “ Para os ex-combatentes brasileiros, esse reconhecimento nunca foi conseguido. Pelo contrário, os veteranos brasileiros vivenciaram, nesses mais de setenta anos, um esquecimento concreto e material, com outro tão doloroso quanto, simbólico e imaterial. ”

Dessa maneira, entende-se que apesar de darem sua vida nos combates os pracinhas não foram devidamente reconhecidos por seus atos. Diante dessa afirmação também vem o questionamento: Como pode-se demonstrar a importância das ações dos pracinhas na 2ª GM buscando subsídios para que as ações dos militares brasileiros que combateram na Europa fossem devidamente reconhecidas?

O autor desse trabalho decidiu que a melhor maneira de responder esse questionamento seria analisando as ações da tropa que participou do início ao fim da campanha da FEB, o 6º Regimento de Infantaria.

2.2 Referencial metodológico e procedimentos

Tendo em vista relatar o que é apresentado pelos elementos literários dessa pesquisa, foi formulada a seguinte problemática: como foi a participação do 6º Regimento de Infantaria nas operações da FEB durante a 2ª GM?

O objetivo geral dessa pesquisa tem por finalidade prestar uma singela homenagem e reconhecimento aos heróis que lutaram nos campos de batalha da Itália, relatando por meio das ações do Regimento Ipiranga durante sua campanha junto à FEB.

Para alcançar o objetivo geral foi necessário a elaboração de objetivos específicos visando organizar o trabalho. Esses objetivos foram pautados em: o porque ocorreu a 2ª GM, o que levou o Brasil a declarar guerra contra os países do Eixo, a criação da FEB, o envio de tropas para o combate em especial o 6º RI, a campanha do Regimento Ipiranga na Itália e as consequências futuras das ações dos pracinhas.

A fim de construir a estrutura base do trabalho, foram adotados os seguintes procedimentos: O primeiro procedimento foi a pesquisa bibliográfica, visando selecionar as principais obras que compuseram a pesquisa, destacando as obras de Moraes (2005), Faria (2015) e Silveira (1947).

O segundo procedimento foi pesquisa documental e midiática visando utilizar instrumentos de pesquisas modernos para abranger mais detalhes que foram incorporados a pesquisa, se destacando nessa fase pesquisas na internet e a utilização de vídeos disponibilizados por historiadores como os utilizados do canal Hoje na Segunda Guerra Mundial (2017).

Por fim, foi realizada uma visita ao museu do 6º BIL em Caçapava-SP, buscando informações específicas da participação do antigo 6º RI no maior conflito armado da humanidade.

3 OS FATORES QUE MOTIVARAM A 2ª GUERRA MUNDIAL

Nesta fase do trabalho será apresentada uma breve contextualização histórica de como o mundo estava no século XX, antes do início do mais sangrento conflito armado da história da humanidade, para situar o leitor sobre o contexto histórico a que o trabalho se refere.

3.1 Como estava o mundo naquela época

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 11 de novembro de 1918, o mundo vivia uma era de grande instabilidade política e diplomática. O “Entre Guerras” é o nome dado para o período abrangente de 1918 até 1939, e foi marcado como uma espécie de pausa entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, pois, para alguns historiadores como Eric Hobsbawm, a 2ª GM é a continuação direta do conflito que teve fim em 1918.

Retrospectivamente, os 31 anos desde o assassinato do arquiduque austríaco em Sarajevo até a rendição incondicional do Japão devem parecer uma era de devastação comparável com a “Guerra dos Trinta Anos do século XVII na história alemã. [...] apesar disso, na memória das gerações pós-1945, a “Guerra dos Trinta e Um Anos” não deixou atrás de si o mesmo tipo de memória que sua antecessora mais localizada no século XVII. Isso se deve em parte ao fato de ela só ter formado uma única era de guerra da perspectiva do historiador. Para outros que viveram, foi experimentada como duas guerras distintas... (HOBSBAW, 1995)

A Segunda Guerra Mundial, que teve início em 1939, é considerada o maior conflito armado do século XX. Após um período de 21 anos depois da Primeira Guerra Mundial, se estendendo até 1945. Com um saldo superior a 40 milhões de mortos, a utilização de métodos cruéis em campos de concentração, perdas econômicas e culturais impensáveis bem como os efeitos de uma nova arma: a bomba atômica, esse conflito é considerado o mais devastador da história. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Os países europeus envolvidos na 1ª GM necessitavam ser reconstruídos devido a magnitude dos estragos causados pelos conflitos. De maneira geral tanto os países derrotados como os vitoriosos dependiam de recursos externos, pois, os esforços de guerra foram muito grandes e praticamente destruíram a economia europeia. O único país capaz de ajudar os europeus naquele momento era os Estados Unidos, que apesar de ter participado da guerra o combate não se fez em seu território. (SAES, 2013)

Por fornecer suprimentos e material bélico, e também por custear grande parte dos gastos dos aliados, o setor produtivo dos EUA cresceu ao ponto de poder suprir, após a guerra, a demanda do mercado mundial que estava fragilizada devido as condições dos principais países europeus. Assim o país norte americano adentrou na década de 1920 como a maior economia industrial e financeira do mundo. (SAES, 2013)

A década de 1920 foi um período de euforia econômica nos EUA. O país norte-americano vivia o chamado “*american way of live*” (estilo de vida americano) que foi marcado pela grande produção em massa e consumismo exacerbado por parte da população americana. (CUNHA, 2017)

“Esse conceito (*american way of life*) está atrelado ao consumo e a um padrão de família, de beleza, de gênero e de regras do que você tem que ter e ser para ser bem-sucedido”. (CUNHA, 2017)

Mas nem tudo correu bem nesse período, pois muitas pessoas se utilizaram do momento para fazer empréstimos e comprar ações de empresas, chegando a impressionante marca de dívidas por empréstimo serem maiores que a soma de dinheiro circulando no país. As modernizações dos meios de produção americanos motivaram uma produção maior do que o consumo da população e também à medida que o tempo passava os países europeus eram cada vez menos dependentes das exportações norte americanas. Isso resultou em demissões dos trabalhadores para as empresas não quebrarem e também na diminuição da produção tendo em vista que os produtos só perderiam valor e a população teria cada vez menos poder de compra. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

A bolsa de valores passou a perder valor e o mercado não aguentou as especulações que envolviam a superprodução. Fato causado, pois não havia consumo suficientes para manter a economia dos EUA. Então o dia 24 de outubro de 1929 ficou marcado na história do mundo como a “Quinta-feira Negra”, pois foi considerado o dia decisivo para a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. (SAES, 2013)

O “*Crash* da bolsa” gerou uma grave crise econômica em todos os países de economia ao redor do mundo. E esse problema só iniciaria a ser resolvido em 1933 com a adoção do programa “*New Deal*”, que foi um conjunto de medidas adotadas pelo então presidente Franklin Delano Roosevelt, para conter os efeitos dessa devastadora crise. (SAES,2013)

A crise econômica e política que assombrava o mundo por causa da 1ª GM foi uma das portas de entrada para a criação de diversos partidos políticos com viés totalitário como por

exemplo o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

A Alemanha também sofreu um recuo econômico devido à quebra da bolsa de Nova York. Ainda tentando se recuperar dos estragos materiais e morais da 1ª GM, o Partido Nazista se utilizou da reconstrução para crescer cada vez mais, e então em 1933, tendo como líder máximo Adolf Hitler, chegou ao governo apoiado por muitos alemães que se sentiam subjugados pelas outras nações por terem culpado a Alemanha como a grande responsável pela Primeira Guerra Mundial na figura do Tratado de Versalhes. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Na Itália também houve a ascensão de um regime totalitário. Em 1922, o Regime Fascista chegou ao poder em Roma. Benito Mussolini, assim como Hitler, via na formação de um Estado Forte como a solução para aumentar o crescimento das nações. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Adolf Hitler, ex-cabo que combateu na Primeira Guerra Mundial, filiou-se ao partido nazista em 1919. Devido a sua capacidade cognitiva e grande facilidade de locução rapidamente, em 1920, chegou a liderança do Partido Nazista. Em 1933, com a chegada dos nazistas ao poder, Hitler é nomeado Chanceler Alemão. Devido à morte do Marechal Hindenburg, em 1934, o então Chanceler também acumula o cargo de Presidente da Alemanha. Fatos que levaram a Alemanha ao início do III Reich (Terceiro Império Alemão). (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Em março de 1935, Hitler decretou a convocação geral das Forças Armadas em toda Alemanha. Em outubro reabriu o curso de Estado-Maior do Exército Alemão. No ano seguinte a Alemanha quebrou o tratado de Versalhes por possuir um efetivo de mais de 1,4 milhões de homens, ultrapassando em muito os 100 mil previstos no tratado. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

A partir dessas ideologias, os governos de Alemanha e Itália formaram o Eixo Roma-Berlim, que visava proteção mútua desses países e futuramente lutariam a Segunda Guerra Mundial juntos. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

O mundo nunca viveu uma paz plena. Pode-se concluir a partir desse capítulo que os países de viés totalitário, principalmente a Alemanha, estavam se preparando para combater. O embrião do que seria o conflito mais sangrento do mundo estava se formando e crescendo cada vez mais.

3.2 Os interesses por trás de uma nova guerra

A aliança entre Alemanha e Itália foi tomando proporções e interesses cada vez maiores. A busca por novos territórios para aumentar o poder era comum nos países de regime totalitário. Além de anexar territórios e conseguir recursos materiais, principalmente matéria prima, a Alemanha tinha a intenção de disseminar a ideologia nazista. Perseguir minorias como negros, homossexuais e judeus; a imposição da raça ariana e moldar o mundo de acordo com as vontades de Hitler. (HOJE NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 2013)

Depois de tornar-se o líder absoluto da nação (führer), Hitler passou a cogitar a Expansão territorial da Alemanha e a objetivar a união dos povos germânicos em um Grande Estado, onde pudessem desenvolver todas as suas potencialidades. Esse Estado deveria ser restrito aos germânicos (arianos), considerados, pela doutrina nazista, uma “raça” superior. Para atingir os objetivos, Hitler tencionava conquistar territórios na Europa Oriental e retirar do convívio alemão grupos étnicos minoritários (judeus, eslavos e ciganos), vistos, por ele, como os responsáveis pelas mazelas alemãs. (LACERDA; SAVIAN, 2009)

Mussolini tinha como prioridade, em sua política internacional, tentar a conquista de novos territórios. A Itália invadiu a Etiópia em 1936, e em 1937 foi construído o Império Italiano da África Oriental, o que contrariava a Liga das Nações. Mussolini também enviava aviões para auxiliar Francisco Franco durante a Guerra Civil Espanhola. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Após o início da Guerra Civil Espanhola, a Inglaterra recebeu informes da sua inteligência de que a Força Aérea Alemã alcançou o poder da Real Força Aérea (RAF) e que isso poderia significar um grande perigo para Europa. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Hitler e Mussolini tinham muito em comum. Buscando territórios e matéria prima para aumentar seu poder. Com a intenção de espalhar um regime totalitário usavam de seu bom linguajar e da imagem de que poderiam liderar suas nações para dias melhores.

Outro país de regime totalitário era o Japão, que desde 1904 procurava aumentar sua influência sobre a China. Em um primeiro combate contra o Império Russo, conseguiu uma importante vitória que aumentou a moral de suas tropas e também a confiança para almejar objetivos maiores. (HOJE NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 2017)

Em 1931 o Japão invadiu a Manchúria Chinesa, aumentando ainda mais sua confiança e o fazendo acreditar que poderia vencer qualquer adversário que se pusesse contra seus ideais. Em 1937 o Japão ingressou na Segunda Guerra Sino-japonesa na qual embalou uma impressionante série de vitórias, conquistando importantes cidades como a capital Pequim. Mas

a resistência chinesa alongou muito o combate o que quase zerou as reservas materiais e econômicas do país. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Outro fator que dificultava ainda mais a situação japonesa era que os países ocidentais estavam realizando embargos econômicos ao Japão. Acusando-o de cometer diversas violações aos direitos humanos durante seus combates na China e por temerem as crescentes e agressivas ações territoriais japonesas no sudeste asiático. (HOJE NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 2017)



Imagem 1 – Guerra Russo-Japonesa. Fonte: DE FARIA, Durland Puppim (Org.). **Introdução à História Militar Brasileira**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015, p.233.

O Japão se via em uma situação muito difícil pois o embargo econômico dos EUA e do Reino Unido cortou a importação de petróleo, e pelos cálculos do governo, o Japão teria o combustível por dois ou três anos no máximo. Além disso estavam em falta minérios de ferro, látex e até mesmo alimentos para o consumo da população. Outra situação que se complicava ainda mais era a interminável guerra na China, que consumia muitos recursos que já eram escassos no país. (HOJE NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 2017)

Frente a tudo isso o Japão só tinha duas alternativas: desistir das suas conquistas e aceitar as imposições dos EUA e Reino Unido ou tomar os recursos que estavam em falta a força no pacífico. (HOJE NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 2017)

No dia 27 de setembro de 1940 foi assinado em Berlim o pacto de Tripartite, entre Alemanha, Itália e o Império Japonês, dando origem ao conhecido países do Eixo, posteriormente esse tratado foi assinado por Hungria, Romênia, Eslováquia, Bulgária e Iugoslávia.

Do entendimento dos fatos desse capítulo tira-se a conclusão que a 1ª GM não foi resolvida e a Alemanha não se conformava com o resultado do tratado de Versalhes. Outras

nações com ideologias semelhantes a nazista foram surgindo e ganharam cada vez mais força. O mundo estava próximo de uma nova guerra.

3.3 O início da Segunda Guerra Mundial

O início do conflito mais sangrento da história já estava se desenhando com as atitudes dos países totalitários. Os acordos realizados no fim da 1ª GM disseminaram o ódio dentro da Alemanha, que inconformada queria reagir as imposições do tratado de Versalhes.

Em 1936, Hitler ocupou a Renânia, quebrando mais uma vez o tratado de Versalhes. Em 1938, depois de uma série de exigências dirigidas a Áustria, ocupou e anexou o país logo após anexou a Tchecoslováquia. Prosseguindo em suas conquistas também anexou a Bósnia e a Moravia com apoio dos partidos nazistas locais. Em 1939 a Itália, aliada da Alemanha, invadiu a Albânia. No mesmo ano Hitler surpreendeu ao assinar um acordo político-militar com a URSS no qual ficou acordado a divisão da Polônia. Essa manobra política tornou a Alemanha mais forte e também evitou um conflito em duas frentes (oeste e leste). (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Para o espanto dos líderes da França e da Inglaterra, em 23 de agosto de 1939, a Alemanha e a União Soviética, de regimes políticos diametralmente opostos, firmaram um pacto de não-agressão. O pacto era conveniente para Hitler porque possibilitaria um ataque alemão à Polônia sem a ingerência dos soviéticos; para Stalin era importante porque lhe daria tempo para reorganizar as Forças Armadas Soviéticas, que se encontravam fragilizadas em virtude de um expurgo realizado no seio da alta oficialidade pelo próprio líder comunista. Pelo pacto também ficou acordado que os signatários poderiam, sem interferência de um ou do outro, reconquistar territórios perdidos na Primeira Guerra Mundial. Assim, a Alemanha poderia anexar a metade ocidental do território polonês; a URSS, a metade oriental da Polônia, a Estônia, a Lituânia, a Letônia, a Bessarábia e partes da Finlândia. ” (LACERDA; SAVIAN, 2015)

No início do mês de setembro de 1939, ocorreu a invasão da Polônia pelas tropas nazistas, fato na história que ficou conhecido como o estopim da Segunda Guerra Mundial, pois essa invasão resultou dois dias depois, na declaração de guerra por parte de Inglaterra e França em retaliação ao ato alemão. Em seguida Bélgica, Holanda e Noruega foram invadidas pelas tropas nazistas, mas os combates só começariam de fato na invasão da França. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

A partir desses argumentos entende-se que os eventos pós a 1ª GM serviram de continuação para que a 2ª GM fosse declarada. A poderosa Alemanha queria dominar o mundo e instalar o seu regime totalitário por todo o globo. Para impedir que o objetivo alemão fosse concluído os países resolveram lutar pela liberdade e formaram o bloco dos países Aliados.

4 O BRASIL E A GUERRA

Nesta fase do trabalho será descrito, de forma sucinta, o momento político e econômico que o Brasil vivia na época, bem como o estado das Forças Armadas brasileiras. Também serão discutidas as relações que o Brasil tinha com os principais países que participaram da guerra e os fatores que pressionaram Vargas a declara guerra contra o Eixo.

4.1 O Brasil no contexto político, militar e econômico

O Brasil sempre teve um viés pacifista. Por meio da cultura de seu povo que sempre foi acolhedor e simpático, procurando sempre por meio do “jeitinho brasileiro” resolver seus problemas e superar suas dificuldades.

No início da década de 1930 foi realizado o movimento armado que pôs fim a então República Velha, liderado pelos Estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com a deposição do então Presidente da República Washington Luís. A Revolução de 1930 impediu o candidato eleito Júlio Prestes a assumir o cargo de Presidente e levou Getúlio Vargas ao poder. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Em 1935 ocorreu a Intentona Comunista, também conhecida como a “Revolta Vermelha de 1935”, que foi uma tentativa de golpe de Estado realizado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), com o apoio do Partido Comunista do Brasil, contra Getúlio Vargas. O Presidente do Brasil então usou dessa ameaça para se manter indefinitivamente no poder e dar continuidade em seu governo ditatorial, contando com o apoio da população e sustentação das Forças Armadas. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

O Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas em 1937, havia fechado o Congresso, imposto a censura à imprensa, prendido líderes políticos e sindicais e colocado interventores nos governos estaduais. O regime de Vargas apoiava-se em uma constituição centralizadora e autoritária, que guardava muitos pontos em comum com as ditaduras fascistas da Europa. (LACERDA; SAVIAN, 2009)

As Forças Armadas brasileiras se encontravam em situação obsoleta pois a Marinha se limitava aos antigos encouraçados Minas e São Paulo; a Aeronáutica ainda não existia e se vinculava a Força Terrestre e a Marinha e o Exército ainda seguiam a doutrina militar francesa, fortemente impregnada por conceitos defensivos e ajustando seus sistemas de ensino militar. Os armamentos eram de diferentes procedências com quase todos vindo da Europa e de origem na Primeira Guerra Mundial. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

O Estado Novo se destaca na história do Brasil como a era em que se iniciou o processo de industrialização do país, com forte intervenção do Estado na economia e nas substituições das importações. A grande quantidade de investimentos transformou a industrialização em um processo mais rápido com origem na centralização do poder estatal de Getúlio Vargas o que seria diferente se a economia se baseasse apenas no investimento da burguesia na economia brasileira. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

O modelo econômico de Getúlio não era algo inédito no mundo e muito se assemelhava com os modelos econômicos de países nazifascistas e também na antiga URSS. Governos que o Presidente do Brasil admirava pelos avanços econômicos, com a diferença de que o Brasil não abolia a propriedade privada. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

A Guerra destruiu os mercados internacionais e trouxe consequências para o Brasil. As importações diminuíram assustadoramente, quase asfixiando o país, que era dependente de produtos industrializados e de certas matérias-primas. Com relação às exportações, estas cresceram em quantidades brutas, aumentando em valor e diversificação. Para os Estados Unidos, o Brasil passou a exportar, com exclusividade, além do café, matérias-primas estratégicas de origem vegetal e mineral, tais como: borracha, babaçu, cera de carnaúba, quartzo, mica, berilo e outros minerais. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Apesar de ser um país de tamanho continental, o Brasil ainda estava muito atrasado em relação aos principais países do mundo. Eram necessárias mudanças nas estruturas políticas e sociais para que o país se desenvolvesse. As FFAA necessitavam ser reavivadas e reestruturadas, pois, com as condições daquela época não podiam cumprir seu principal dever, a missão de defender a pátria.

4.2 Como era vista uma possível participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial

“Era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar em uma guerra”, essa afirmação era comum devido a descrença na capacidade brasileira de poder combater. Isso talvez seja resultado da visão de país atrasado que o mundo tinha sobre o Brasil, principalmente por se caracterizar por ser um país agrário.

Durante os anos da década de 1930, a Alemanha Nazista procurava aumentar seu espaço diplomático e sua influência política na América Latina e com isso acabou entrando em disputa com o Estados Unidos para manter relações comerciais com o Brasil, tendo como destaque as trocas do algodão brasileiro por produtos industrializados e artigos militares alemães. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Os Estados Unidos assistiam com cautela e temor a aproximação da Alemanha com o Brasil, e também visava aumentar sua influência nos países latinos. A partir daí os Estados Unidos começou a aplicar a “Política de Boa Vizinhança” que além de oferecer acordos econômicos em troca de apoio, também incentivava aumentar o crescimento das relações culturais dos Estados Unidos com a América Latina. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Esse estreitamento político por parte dos Estados unidos foi responsável pelas ações de Nelson Rockefeller, designado pelo presidente americano Franklin Delano Roosevelt. Então Rockefeller nomeou Walt Disney para produzir filmes que reforçassem a visão pró-americana, como a criação do personagem Zé Carioca e diversos intercâmbios culturais. (ALVES, 2007)

No início da Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas não demonstrava intenções de definir um lado a defender e tentava manter uma certa neutralidade. Em certos momentos até se pensava que Getúlio poderia levar o Brasil a entrar na guerra ao lado do Eixo, pois, seu governo com características anticomunistas, antissemitico e antidemocrático muito se assemelhava aos governos de Hitler e Mussolini. (ALVES, 2007)

As atitudes de Vargas no poder colocavam em dúvida sobre a qual lado poderia defender se a guerra chegasse ao continente sul-americano. Mas a importância do Brasil como potência no América era de interesse de todos os países do mundo. Era claro que a situação de neutralidade do Brasil estava em perigo.

4.3 Fatores que pressionaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial

A guerra estendeu suas barreiras e chegou a América do Sul. Os EUA prevendo que isso poderia acontecer já procurava parcerias com o Brasil, o maior país da América Latina, visando

preparar o continente caso os Alemães tentassem cruzar o oceano. Mas ainda o Brasil não possuía nenhum envolvimento direto com a 2ª GM.

O envolvimento do Brasil com a guerra começou em março de 1941, quando o navio mercante Taubaté foi atacado por um avião alemão, quando navegava no mar mediterrâneo, muito antes do rompimento de relações com Alemanha, Itália e Japão. (FARIAS, 2015)

Desde o início da Segunda Guerra Mundial, a ideologia do Estado Novo, apontava para um provável alinhamento com os países do Pacto de Aço (Alemanha e Itália). Vargas, ao comentar a invasão da Polônia pelo Exército Nazista revelava certa simpatia pelo nazismo. (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Com inúmeros tratados assinados entre Estados Unidos e Brasil, a neutralidade do Brasil se viu estremecida com o ataque à base americana de Pearl Harbor, no pacífico, em dezembro de 1941. Em seguida o Brasil repudiou os ataques a base americana, se solidarizando com os americanos. Logo em seguida a esse evento, também aconteceu a terceira reunião de consultas dos ministros das relações exteriores das nações americanas, em janeiro de 1942, que teve como representante brasileiro o ministro de relações exteriores Oswaldo Aranha. Em decorrência dessa reunião o Brasil rompeu relações com os países do Eixo. (FARIAS, 2015)

“Em 1941, o governo brasileiro permitiu a instalação de bases norte-americanas no nordeste do país e no ano seguinte, com o torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães, Vargas declarou guerra ao Eixo.” (COGGIOLA, 1995)

Após o rompimento de relações com o Eixo, a Marinha intensificou o patrulhamento e a escolta aos comboios navais. O Exército guarneceu zonas sensíveis da costa brasileira. Porém, os alemães e italianos não se sentiram intimidados e realizaram diversos ataques de submarinos à navios brasileiros, afundando aproximadamente um terço da marinha mercante brasileira. (FARIAS, 2015)

Os ataques a marinha mercante brasileira por países do Eixo deixaram um saldo de 937 mortos e desaparecidos, militares e civis, com 32 navios torpedeados. A população brasileira saiu as ruas exigindo uma reação brasileira por causa dos ataques, então, Getúlio se viu sem saída e declarou guerra contra o Eixo. (FARIAS, 2015)

"O povo exigiu a gueixa, [...] pediu-a em caudalosas manifestações; obteve-a, sem mais dificuldades" (CALMON, 1959)

E finalmente a guerra chegou ao Brasil. Era necessária uma resposta aos ataques alemães. E a situação de neutralidade do país não durou muito tempo e o Brasil deveria iniciar os preparativos para combater as forças nazistas na Europa.

5 PREPARATIVOS PARA O COMBATE

Nesta fase do trabalho será descrito os passos iniciais do Brasil em direção a guerra. De forma resumida será tratado também a parceria do Brasil com os Estados Unidos, os recursos e a mobilização para compor a tropa brasileira, a criação da Força Expedicionária Brasileira, as particularidades do 6º Regimento de Infantaria (6ºRI), como foi o treinamento e a preparação da FEB e o envio do 6º RI ao campo de batalha italiano.

5.1 A parceria Brasil e EUA

O contato de Brasil e EUA não começaram diretamente por causa da guerra. Tendo em vista que os dois países são os maiores em território e também os mais influentes do continente Americano, cada um em seu hemisfério, o contato era inevitável.

A aliança com os EUA foi fundamental para a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Porém essa parceria começou a se firmar bem antes de Getúlio Vargas declarar guerra contra os países do Eixo. Em dezembro de 1922, se instalou no Rio de Janeiro a primeira Missão Naval da Marinha EUA-Brasil, proposta pelo Secretário de Estado Americano Charles E. Hughes com o propósito de tornar o Brasil autossuficiente na proteção de sua costa. (ALVES, 2007)

Em 1934 houve outra missão naval americana com a finalidade de realizar instruções para a artilharia de costa. Mas em 1939, com a visita do Gen George C. Marshall junto a Delegação militar Norte-Americana, se reuniu com o então Ministro da Guerra, Gen Eurico Gaspar Dutra e o Chefe do Estado Maior do Exército, Gen Pedro Aurélio de Góes Monteiro, para alinhar as intenções dos dois países. Os Estados Unidos se mostrou a favor de ajudar para a melhora da economia e o reequipamento militar brasileiro em troca de que o Brasil desse o primeiro passo para consolidar a parceria com o país norte americano para uma possível participação na guerra. (ALVES, 2007)

Os acordos de Washington marcam o final do longo processo de alinhamento do Brasil aos Estados Unidos, que teve início com a Missão Aranha, de fevereiro a março de 1939, quando o Ministro das Relações Exteriores brasileiro foi convidado por Roosevelt para ir aos Estados Unidos a fim de tratar de assuntos relevantes para os dois países. Durante esses três anos, *pari passu* o crescimento do conflito mundial e a intromissão norte-americana cada vez mais clara nele, [...] Desempenhando o papel de “bom vizinho”, negociando sempre, os Estados Unidos conseguiram dos Brasileiros, antes de *Pearl Harbour*, exclusividade na importação de matérias-primas estratégicas e, mais fundamental do que tudo, cessão de bases no território nacional. (ALVES, 2007)

Em 1940, após a recusa da *United States Steel*, empresa no ramo siderúrgico, o Brasil criou a Comissão do Plano Siderúrgico Nacional, que após estudos e pesquisas decidiu que a siderúrgica seria instalada na cidade Volta Redonda – RJ. Com os Estados Unidos cedendo um empréstimo de US\$ 20 milhões, pelo Eximbank, o projeto da siderúrgica brasileira se concluiu em 1942. (FGV, 2020?)

A relação entre Brasil e Estados Unidos se estreitava cada vez mais, até alcançar o campo militar. Foram criadas duas comissões, uma em Washington e outra no Rio de Janeiro, buscando o estudo e preparo para à defesa conjunta. (ALVES, 2007)

[...] duas comissões militares foram criadas, uma em Washington (Comissão de Defesa Brasil-Estados Unidos, *joint Brazil-United States Defense Commission – JBUSDC*) e a outra no Rio de Janeiro (Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, *joint Brazil-United States Military Commission – JBUSMC*). (ALVES, 2007)

Vargas perdeu grande parte do seu poder de negociação com os Estados Unidos pelas investidas dos Aliados na África do Norte, o que tornou a costa brasileira naquele momento livre de ameaças. Em 1942, os americanos não se preocupavam tanto em proteger diretamente o território brasileiro e se limitava a apenas a equipar seu aliado para que o Brasil se defendesse de um possível ataque dos países do Eixo. Em 1943, a JBUSDC encerrou seus trabalhos e a costa brasileira passou a ser considerada uma área relativamente segura. (ALVES, 2007)

O EUA foi essencial para a preparação do Brasil para a guerra, com acordos e material disponibilizados e principalmente com a merecida modernização para as FFAA brasileiras. Mas ainda era necessária a criação de uma força com identidade brasileira para combater contra os nazistas. Algo que antes era impensado estava prestes a se realizar e a cobra começava a fumar.

5.2 A criação da Força Expedicionária Brasileira

Apesar de toda a incerteza sobre a participação brasileira na 2ª GM, o momento estava próximo. A FEB é um marco na história brasileira, que influenciou direta e indiretamente no futuro do Brasil, desde o campo militar e até mesmo na política do país.

O volume de material bélico que o Brasil possuía era muito maior que o necessário para, apenas, a proteção do seu território, pois, já era considerado que a costa brasileira era território seguro. Começou a se cogitar que forças brasileiras poderiam ser utilizadas em operações junto aos Estados Unidos em território europeu. E segundo a esse episódio: “podemos classificar como um incentivo à constituição da FEB.” (ALVES, 2007)

Curioso notar que o Alto Comando do Exército norte-americano já se mostrava contrário a qualquer envio de pequenos contingentes militares latino-americanos ao *front* do norte da África, com argumento, exato, de que o esforço para equipá-los e treiná-los não compensaria os ganhos políticos esperados pelo Departamento de Estado. (HOBSBAW, 1995)

O presidente norte americano passou a apoiar a participação direta do Brasil na guerra somente em janeiro de 1943, durante uma conferência entre os líderes do Brasil e Estados Unidos, em Natal. Como o Brasil já estava formalmente em guerra contra o Eixo, Roosevelt expôs a situação geral da guerra, pediu que o Brasil acelerasse a construção de contratorpedeiros para realizar comboios no atlântico. E também abordou que seria bem-vinda uma possível criação de uma força expedicionária do Brasil para atuar nas operações nas ilhas portuguesas de Açores e Madeira. (ALVES, 2007)

A maior intenção de Getúlio com o conflito mundial era de modernizar as FFAA nacionais, e a oportunidade de participação na campanha da Europa poderia lhe trazer benefícios nesse aspecto. (ALVES, 2007)

O projeto da FEB já estava sendo discutido dentro do governo brasileiro, mas finalmente começou a dar passos mais largos para a sua conclusão. Em maio de 1943, o General Estevão L. de Carvalho e o presidente da JBUSDC se reuniram no Brasil para tratar sobre os detalhes do envio de tropas brasileiras à Europa. Então em agosto de 1943, de comum acordo entre Vargas e Roosevelt, nascia a Força Expedicionária Brasileira. (ALVES, 2007)

No dia 9 de agosto, o General Dutra assinou a portaria de criação de 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. No dia 16 de agosto foi aprovada a Determinação m. 16 da JBUSDC

para a criação de um corpo de exército expedicionário composto por três divisões e unidades auxiliares, mas as outras duas divisões foram canceladas e passou a compor a FEB apenas a 1ª DIE e os órgãos não divisionários (OND). (ALVES, 2007)

E então a Infantaria Divisionária Brasileira foi organizada baseada na doutrina do Exército dos Estados Unidos e estruturada da seguinte maneira:

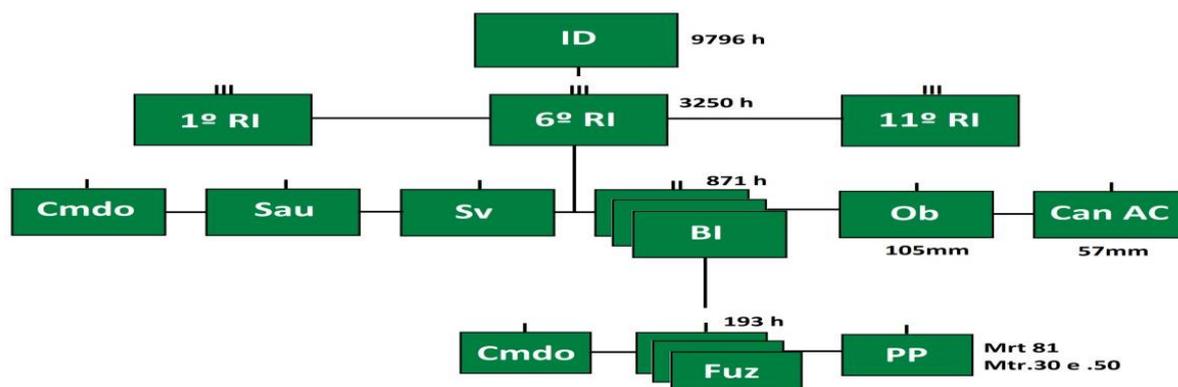


Imagem 2 - Constituição da Infantaria Divisionária da 1ª DIE. Fonte: DE FARIA, Durland Puppim (Org.). **Introdução à História Militar Brasileira**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015, p.242

Comando e Estado-Maior da Infantaria Divisionária; 1º Regimento de Infantaria (Regimento Sampaio), da Vila Militar, Rio de Janeiro; 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava, Estado de São Paulo; 11º Regimento de Infantaria (posteriormente Regimento Tiradentes), de São João d'el Rei, Estado de Minas Gerais. (MORAES, 2005)

Cada Regimento de Infantaria era composto por uma Companhia de Comando (Cia Cmdo), uma Companhia de Saúde (Cia Sau), uma Companhia de Serviços (Cia Sv), uma Companhia de Obuses (Cia Ob; com seis peças de 105mm), uma Companhia de Canhões Anti-carro (Cia AC; com 9 canhões AC 57mm) e três Batalhões de Infantaria (BI). Estes eram compostos de uma Cia Cmdo, uma Companhia de Petrechos Pesados (Cia PP – dotada de metralhadoras .30 e .50 e Morteiros 81mm) e três Companhias de Fuzileiros (Cia Fuz) a três Pelotões de Fuzileiros (Pel Fuz) cada. (FARIA, 2015).

. Com o apoio americano a ideia de mandar tropas à Europa estava cada vez mais próxima de sair do papel. Muito esforço ainda era necessário para a adequação das FFAA para o combate, mas a FEB estava dando seus primeiros passos.

5.2.1 Mobilização e mudança de doutrina

A doutrina militar que o Exército seguia até aquele momento era a da dita “escola francesa”. Mas os métodos que eram aplicados dessa doutrina não se aplicavam à guerra moderna. Então para compor as fileiras que seriam mandadas para a guerra foi necessária a mudança da doutrina. Então foi adotada a doutrina norte-americana para a instrução, organização e adestramento para as tropas brasileiras. (MORAES, 2005)

A mobilização dos efetivos da FEB começou em 16 de setembro de 1942. Mas a seleção dos soldados do FEB só foi começar no dia 21 de outubro de 1943. O principal problema para seleção dos brasileiros era os critérios que os norte-americanos exigiam em sua doutrina. Por formação o brasileiro, de maneira generalizada, não era robusto como se pedia. (MORAES, 2005)

Outro problema era o envelhecimento do quadro de Capitães do Exército. Esse fator afetou seriamente a composição das subunidades, sendo necessário comissionar Tenente das turmas de 1936 e 1937 nos postos de Capitão. Os quadros foram renovados, mas em detrimento de ter capitães sem experiência e sem possuir o curso de aperfeiçoamento era um risco necessário. (FARIA, 2015)

Por consequência foi necessária a convocação de mais oficiais subalternos. E para atender a essa demanda foram convocados tenentes e aspirantes-a-oficial que tinham se formado a pouco tempo na Escola Militar para o comandar os pelotões. Junto a esses militares, cerca de um terço do efetivo de oficiais subalternos eram da reserva de 2ª Classe (reserva não remunerada). (FARIA, 2015)

5.2.2 Treinamento e preparação

Com a mudança da doutrina também houve modificações para as instruções dos militares. Esse problema também transparecia na falta de material para se realizar instruções bem como no uniforme que não era adequado para o emprego na Europa. (MORAES, 2005)

Uma maneira de suprir o problema com a instrução e o manuseio do novo material foi a vinda de instrutores norte-americanos. Esses oficiais além de instruir a tropa sobre o novo material também auxiliaram na organização da FEB ao modelo norte-americano. (MORAES, 2005)

As várias dificuldades que se apresentaram impediram que a FEB alcançasse um alto padrão de adestramento. Como a maior deficiência havia sido a instrução tática foi previsto, para concluir o adestramento, um período de instrução no próprio teatro de operações. (MORAES, 2005)

5.3 A composição e o envio do 6º RI ao teatro de operações

O 6º Regimento de Infantaria, tradicional unidade paulista, representou o Comando Militar do Sudeste no maior conflito da história. Sendo responsável por diversas vitórias brasileiras e orgulha-se de ter participado de toda a campanha da FEB na Itália.

Os preparativos do 6º RI, a comando do Coronel João de Segadas Viana, sediado em na cidade paulista de Caçapava, para o combate começaram no ano de instrução de 1942/43. O Regimento que até então era binário passou a ser terciário, ou seja, mais um batalhão foi adicionado ao Regimento. (SILVEIRA, 1947)

A constituição do RI passou a ser a seguinte: Estado-Maior e 1º Batalhão, a comando do Major João Carlos Gross, sediados em Caçapava-SP, o 2º Batalhão, a comando do Major Henrique Cordeiro Oest, na cidade vizinha de Taubaté-SP e 3º Batalhão, a comando do Major Silvino Castor da Nóbrega, em Lins-SP, mas posteriormente se deslocou para Pindamonhangaba-SP. (SILVEIRA, 1947)

E então os efetivos de combate do Regimento foram completados com um número próximo de setecentos homens, que tinham diversas origens como as cidades paulistas no entorno do regimento e homens dos Estados Mato Grosso e do Paraná. (SILVEIRA, 1947)

“Pelo entusiasmo reinante nesses setores era fácil fazer um juízo aproximado do que seria mais tarde a querida e famosa unidade paulista. O futuro encarregou-se de demonstrar.” (SILVEIRA, 1947)

Em 7 de março de 1944, foi oferecida por uma comissão de senhoras da alta sociedade paulista, com a presença do Gen Eurico Gaspar Dutra, então Ministro da Guerra, na cidade de São Paulo, uma bandeira do Brasil. O símbolo nacional que sempre foi conduzida pelo 6º RI nos campos de batalha da Itália. No dia 9 de março, o Regimento deslocou-se com destino ao Rio de Janeiro, se abrigando no edifício do Batalhão Escola do Rio de Janeiro e por toda a parte da capital se encontrava algum integrante da FEB. O povo brasileiro apesar de viver o clima de guerra, com a “invasão” das tropas da FEB ao Rio de Janeiro, ainda desacreditava que os efetivos brasileiros seriam enviados a Europa. (SILVEIRA, 1947)

“Era comum ouvir-se: - Qual! Vocês não vão. A guerra vai acabar por esses dias. A coisa lá na Europa está de “colher” para os aliados.” (SILVEIRA, 1947)

No final de junho de 1944, o Regimento começou a embarcar no navio General Mann, em sigilo, junto a elemento do 11º RI, mas só foi terminar no dia 1 de julho. E então em 2 de julho o navio zarpou, com destino ignorado. Para muitos só seriam realizadas manobras na região da restinga da Marambaia. Enfim o primeiro escalão da FEB partiu em direção Europa.

“Impossível descrever o sentimento individual, mas a maioria estava em dúvida se tornaria a rever o torrão natal” (SILVEIRA, 1947)

A vida a bordo não era agradável, o horário das refeições deixava qualquer um faminto com o almoço servido as 9 horas da manhã e o jantar servido as 17 horas. Além do horário outro fator que incomodava muito os pracinhas, era que os americanos colocavam açúcar na maioria das refeições, da geleia ao feijão. A noite passavam filmes estrelados por grandes artistas da época. Quando o navio estava fechado os pracinhas sentiam um calor “insuportável”. (SILVEIRA,1947)

E todos procuravam passar o tempo da melhor maneira possível, mas isso não mudava o fato da vida ser muito monótona durante a viagem no Gen Mann. Apesar disso todos cumpriam rigorosamente as instruções dos navegantes americanos, como não jogar lixo ao mar ou fumar a noite no convés. (SILVEIRA,1947)

No dia 5 de julho, o navio General Mann passou pela linha do Equador e a escolta de destroyers brasileiros foi substituída por outra norte-americana. Essa partida dos navios brasileiros deixou um certo sentimento de tristeza e abandono entre os pracinhas, pois, agora era a bandeira americana que tremulava mais alto nos navios que defendiam a viagem brasileira. (SILVEIRA,1947)

No dia 13 de julho, as estações de rádio americanas e inglesas anunciaram que parte da Força Expedicionária Brasileira se dirigia para o porto de Nápoles, a partir desse momento os boatos começaram a se alastrar pelo navio. Os mais nervosos chegaram a ver corpos sem cabeça, flutuando no mediterrâneo, fruto da imaginação e de histórias de que tropas aliadas tinham sido atacadas na mesma posição na noite anterior. (SILVEIRA,1947)

Antes de chegar a Nápoles, no dia 13 de julho, o comandante do navio General Mann, o Capitão Paul S. Maguire, fez um discurso para a tropa brasileira em que pudesse destacar alguns trechos como: “Brasileiros! Sois a primeira força Sul-Americana que já deixou seu continente para combater em ultramar, [...] que junto de outros homens na luta pela liberdade dos povos oprimidos. [...] São brilhantes as estrelas do cruzeiro do sul.

Mas a constelação dos céus do Brasil terá ainda maior brilho em vez que os feitos de suas legiões de combatentes trarão glórias novas a ilustrar sua história. [...]

Nosso Navio já transportou milhares de tropas e ainda muitas mais terão que transportar, mas nenhuma delas deixará, por certo, melhor impressão que a vossa. E por que não ser assim, se sois os continuadores das glórias de guerreiros ilustres como Caxias, Osorio e Sampaio. ” (SILVEIRA,1947)

Em 16 de julho, o navio com a tropa brasileira passa entre Capri e o continente, onde se destaca o vulcão Vesúvio que domina totalmente a cidade de Nápoles. (SILVEIRA,1947)

“O belo vulcão estava em repouso e somente se notava uma tênue fumaça muito alva, mas que foi o suficiente para reavivar uma frase muito popular entre os soldados. A exclamação foi geral: - A cobra está fumando! ” (SILVEIRA, 1947)

Era findada a viagem do primeiro escalão da FEB. Agora se iniciaria a preparação dos pracinhas em solo italiano para o combate contra as tropas dos países do Eixo. Os problemas relatados nesse capítulo demonstram o quão atrasado o país estava em relação a preparação de guerra, mas, apesar de todos os percalços, o Brasil conseguiu a sua primeira e importante vitória: mostrar para o mundo que era capaz de combater por sua liberdade.

6 O 6º RI NO TEATRO DE OPERAÇÕES

Nesta fase do trabalho será descrito como foi a chegada dos pracinhas do 6º RI em solo italiano, as primeiras missões que lhe foram atribuídas e a adaptação ao clima europeu bem como os novos armamentos e equipamentos que seriam usados durante o combate. Serão abordados também as ações do 6º RI durante a guerra e o principal feito de uma unidade brasileira, a rendição incondicional da 148ª Divisão Alemã e por fim como foi a volta para casa dos heróis brasileiros.

6.1 A chegada do 6º RI em solo italiano

O primeiro acampamento da FEB foi na cratera do vulcão adormecido Astrônia, mais especificadamente no estacionamento de Agnaro, próximo do bairro costeiro de Bagnoli em Nápoles. Nesse local possuía água encanada que ficava disponível até o início da noite e também água quente para banho que era trazida das profundezas do vulcão. E a comida americana, inicialmente em lata era abundante. (SILVEIRA, 1947)

A vida nesse acampamento era monótona. Durante a manhã todo o 6º RI entrava em forma em frente ao pavilhão de comando para cantar o hino nacional e a canção do regimento. E após as canções os pracinhas iam para as instruções previstas para o dia. (SILVEIRA, 1947)

A polícia controlava rigorosamente as vias de acesso do acampamento e dificilmente se conseguia alguma saída à cidade. De vez em quando havia festa organizada pelo Serviço Especial, festas nas quais os artistas eram os próprios soldados. (SILVEIRA, 1947)

No dia 27 de julho, aviões alemães sobrevoaram o porto de Nápoles, mas logo foram dispersados pelos holofotes e baterias antiaéreas. No dia 29 de julho houve autorização para que os pracinhas pudessem ir a cidade onde a maioria foi conhecer a célebre cidade ruínas de Pompeia. (SILVEIRA, 1947)

No dia primeiro de agosto, começaram os deslocamentos para Tarquínia. Foram primeiro o 1º Blt do 6º RI e o Pel de Morteiros do 11º RI, que estava em reforço ao 6º RI. Durante a noite em Agnaro, aviões nazistas bombardearam parte do estacionamento de Agnaro, onde ficava o lado americano, ninguém ficou ferido pelos ataques. (SILVEIRA, 1947)

No segundo dia de agosto, o Estado Maior, 2º Blt, a Cia de Comando Regimental, a Cia de Sv e a Cia de Obuses partiram as 5:00 horas da manhã em direção a elevação de Fornace em Tarquínia. No terceiro dia seguiram destino o 3º Blt, a Cia AC e a Cia de Obuses do 11º RI. E finalmente a 4ª Cia partiu no dia 6 de agosto. (SILVEIRA, 1947)

Todos os deslocamentos foram feitos em linha férrea até Litória e depois prosseguiram em caminhões até o ponto final. Por onde se passava, via-se a destruição que os combates entre os Aliados e os Alemães estava causando por toda Itália.

Estações, entroncamentos ferroviários, carros, maquinas, centrais elétricas, etc. Tudo arrasado pelo bombardeiro aéreo. Por toda parte montes de ferros retorcidos, madeira

carbonizada e concreto, demonstrava a violência da incursão. Enormes crateras abertas no solo indicavam pela sua profundidade o poder do explosivo empregado. (SILVEIRA, 1947)

O acampamento de Tarquínia, na elevação de Fornace, era maior que o de Agnaro mas em consequência, também era mais expostos a ataques aéreos. A comida continuava a ser a enlatada e a água que era abundante, em Agnaro, passou a ser racionada a três litro por homem, pois o lugar mais próximo para abastecimento ficava a dois quilômetros do acampamento. (SILVEIRA, 1947)

No dia 7 de agosto ocorreu o primeiro exercício de marcha, onde os pracinhas foram em direção à praia de Tarquínia. Após duas horas chegaram ao mar e encontraram uma região completamente organizada defensivamente. Após banhar-se, partiram de volta ao acampamento. (SILVEIRA, 1947)

No dia 14 de agosto, a nota principal foi a inclusão do Regimento ao V Exército Americano, e a partir de então a FEB estaria a comando do General Mark Clark.

No dia 15 de agosto, os pracinhas começaram a receber o armamento que se compunha basicamente de fuzis Springfield, carabinas e metralhadoras.

O deslocamento do Regimento reiniciou no dia 19 de agosto em direção ao acampamento de Vada, na costa da Toscana. (SILVEIRA, 1947)

O acampamento de Vada foi o melhor. Bastante espaçoso o Regimento ocupava os dois lados da estrada que parte de Vada e se dirige para Il Terricio. Água potável abundante embora de poço e possuíamos um conforto particular difícil de se encontrar em todos os estacionamentos. Estávamos na época de uvas à vontade. (SILVEIRA, 1947)

O primeiro obstáculo foi transposto. Os brasileiros chegaram à Itália depois de uma longa viagem. Se iniciava, então a trajetória do 6º RI para mostrar o valor do soldado brasileiro perante ao mundo. Mas era necessária uma preparação para que a inexperiente tropa da FEB pudesse se adaptar as condições de combate a que estariam sujeitos.

6.2 A preparação para o combate na Itália

A tropa brasileira ainda não estava inteiramente pronta para o combate. Por isso eram necessários alguns ensaios e instruções para ultimar a preparação dos pracinhas. A adaptação ao clima e ao armamento eram fundamentais para um melhor rendimento da tropa.

Os americanos responsáveis pelas instruções chegaram no dia 21 ao acampamento e em turmas foram para suas respectivas subunidades. A instrução de montagem e desmontagem dos armamentos foi rapidamente assimilada pelos pracinhas o que causou certo espanto nos instrutores americanos. Os exercícios de tiro real foram realizados na região de São Gaetano-Palazzi, compreendida entre Vada e Rosignano Solvay, em um estande improvisado para instrução. Latinhas vazias e ate embarcações semiafundadas compuseram alguns dos alvos do estande para instrução dos mais diversos armamentos como metralhadoras .30 e .50. (SILVEIRA, 1947)

A moral da tropa era excelente e grande era a ansiedade para serem aptos a entrarem em ação pelos orientadores norte-americanos, que cada vez mais se entusiasmavam com a inteligências dos brasileiros. (SILVEIRA, 1947)

O dia do soldado comemorado no dia 25 de agosto também não foi esquecido na Itália, durante uma simples cerimônia presidida pelo General Mark Clark, comandante do V Ex Americano, que com palavras motivadoras acendeu ainda mais o desejo de vitória nos corações dos brasileiros. (SILVEIRA, 1947)

No dia 27 de agosto, a primeira turma de oficiais e sargentos do 6º RI partiram para um estágio de quatro dias na linha de frente dos aliados, junto ao 442º RI da 34ª DI americana, conhecida como Red Bull. Essa medida tinha por finalidade intensificar os preparativos para o emprego do Regimento no teatro de operações. (SILVEIRA, 1947)

“A data da nossa entrada em ação se aproximava. As providencias tomadas para que isto se desse no mais curto espaço de tempo nada deixavam a desejar.”(SILVEIRA, 1947)

O Regimento foi submetido a um período de três semanas de exercícios intensivos, com cerca de dez horas diárias de treinamento, um regime de trabalho no qual os brasileiros se esforçaram muito para mostrar o seu valor e de que eram capazes de combater junto aos aliados na guerra. (SILVEIRA, 1947)

Ainda no acampamento de Vada, o 6º RI recebeu a visita do ilustre Primeiro Ministro Britânico Winston Churchill, que se disse impressionado com o avanço em que a instrução dos brasileiros se encontravam e com a disciplina da tropa. Mais tarde, já com o primeiro escalão

da FEB empregado no combate, Churchill declarou em Londres que os brasileiros foram a surpresa da guerra, baseando-se nos feitos do escalão avançado que ele conheceu no acampamento de Vada. (SILVEIRA, 1947)

No dia 11 de setembro foi realizado o exercício que determinaria se o Regimento estava preparado para ser empregado. Esse exercício consistia em um ataque a uma posição inimiga com apoio do 1º Grupo da 2º Regimento de Artilharia Auto Rebocada. Os Generais Mark Clark e Crittenberger, comandante do IV Corpo de Ex dos Estados Unidos. Ambos jugaram o desempenho no exercício e deram o “O.K” para o 1º Escalão da FEB. Os brasileiros estavam cada vez mais próximos de entrar realmente na guerra. (SILVEIRA, 1947)

A partir desse ponto as tropas brasileiras já estavam em condições de enfrentar o inimigo. O momento de colocar a prova todo o treinamento estava muito próximo.

6.3 O batismo de fogo e as primeiras missões do 6º RI na Segunda Guerra Mundial

A partir do dia 13 de setembro, a unidade se deslocou para a região de Ospedaletto, a cerca de 3 km de Pisa. No final do dia 14 saiu a primeira Ordem Geral de Operações do Regimento. Em decorrência dessa Ordem de Operações às 6 horas no dia 15, deslocou em comboios o 6º RI, menos o 3º Blt que foi à pe, para a orla de Vechiano na região da Toscana, para ocupar um ponto de reunião da unidade. Durante a noite os brasileiros cumpriram a primeira missão que lhes foi imposta, substituir o 334º RI americanos nas alturas de Filetole. (SILVEIRA, 1947)

A região que se encontravam os brasileiros não estava em contato direto com os alemães. As informações recebidas dos americanos e de alguns civis era de que os alemães ocupavam a linha geral balizada por Camaióre-Monte Valimona-Monte Acúto. (SILVEIRA, 1947)

Substituir elementos do II/370º RI às 19h de 15 de setembro; substituir o 434º Batalhão de Artilharia antiaérea às 19h de 15 de setembro; manter contato com o inimigo e sondar-lhe o dispositivo por meio de vigorosa ação de patrulhas; caso o inimigo se retire, persegui-lo mediante ordem deste QG; e manter o contato com a 1ª Divisão Blindada, que operava a leste. (MORAES, 2005)

Ainda no dia 15 de setembro, a primeira ideia era que o Primeiro Escalão da FEB integrasse uma divisão americana, mas posteriormente o General Mark Clark decidiu que os brasileiros constituíssem um destacamento especial com setor próprio a comando do General

Zenóbio da Costa. Então o Primeiro Escalão da FEB passou a se chamar “Destacamento FEB”. (SILVEIRA, 1947)

O dia 15 de setembro de 1944, constituiu para nós o marco histórico da nossa entrada em linha e em consequência o nosso início das atividades bélicas. Nessa data os brasileiros iniciaram a caçada aos arrogantes representantes da raça pura e aos seus aliados, os não menos desprezíveis fascistas. (SILVEIRA, 1947)

No dia 16 de setembro ocorreu o batismo de fogo brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Bozano e Massarosa, ocupadas sob forte bombardeio de artilharia, foram as primeiras cidades de importância que caíram sob controle brasileiro. Logo após também foram conquistadas as povoações de Magiano, Quiesa, Santa Maria a Cole, Formentale e outras menores. (SILVEIRA, 1947)

No dia 18 de setembro entraram na cidade de Camaióre, onde foram recebidos sob intensos fogos de artilharia inimiga. No dia 19 o Regimento já ocupava a seguinte linha: cota 238 a oeste de Montemagno – Meschino – Migliano – Garupa ao norte de C. il Coletto – Estrada norte de Cuca. (SILVEIRA, 1947)

O primeiro contato com os alemães havia sido estabelecido. O inimigo possuía elementos avançados na famosa “Linha Gótica”, que representava uma das grandes e últimas linhas defensivas criadas pelos alemães, desde a região de Montes Prano, passando por Pedone, Valimona, Acúto, Formicoso, etc. (SILVEIRA, 1947)

No dia 20 os primeiros prisioneiros foram capturados. Os quatro soldados alemães estavam mal vestidos e alimentados, declarando que a moral da tropa estava baixa e que tinha grande carência de munição e comida, pois comiam uma vez por dia. (SILVEIRA, 1947)

“Embora todos os prisioneiros que fizemos declarassem que não havia munição, os morteiros deles sempre nos hostilizaram causando inúmeras vítimas.” (SILVEIRA, 1947)

A jornada do dia 21 de setembro tinha por finalidade conquistar a linha: Monte Prano – Monte Rondinaja - Cota 562 ao norte de Fibiano, prevista na Ordem de Geral de Operações nº6. A ação não teve total êxito e ocorreram as primeiras mortes da FEB em combate. (SILVEIRA, 1947)

A 7ª Cia depois de conquistar Lombrici e Cásoli partiu para Monte Ciurlaglia, onde ficou detida por forte resistência alemã. À direita as 1ª e 2ª Companhias estavam avançando

para ocupar as vilas de Pomezana, Grataculo, Bologno e Metato. Os soldados Ghirlando, da 9ª Companhia, e os soldados Pifer e Marochi, da Cia PP do 2º Btl, caíram em combate por estilhaço de granadas de morteiro. (SILVEIRA, 1947)

O Regimento então lançou, no dia 23, uma patrulha para reconhecer Monte Prano, a comando do 2º Tenente Mário Cabral de Vasconcelos. A patrulha teve grande êxito e ficou celebrenemente conhecida como “Patrulha do Tenente Cabral”. (SILVEIRA, 1947)

No dia 25, a operação para conquistar Monte Prano foi reiniciada. A 8ª Cia ocupou a cota 833, a nordeste de Monte Pedone, e a 3ª Cia ocupou o Monte Valimona. Durante a noite os alemães, receosos com o cerco brasileiro, optaram por abandonar a posição e recuar para o norte das posições mais fortificadas da Linha Gótica. E na tarde do dia 26 de setembro a 1ª Cia ocupou Monte Prano. (SILVEIRA, 1947)

Para finalizar as operações do 6º RI no mês de setembro de 1944 houve as seguintes modificações: o 1º Btl passou a reserva do IV C Ex que estava acantonado em Camaióre; o 2º Btl ficou com todo o subsetor do Regimento e o 3º Btl substituiu o 370º Regimento Negro Americano, à direita do dispositivo. (SILVEIRA, 1947)

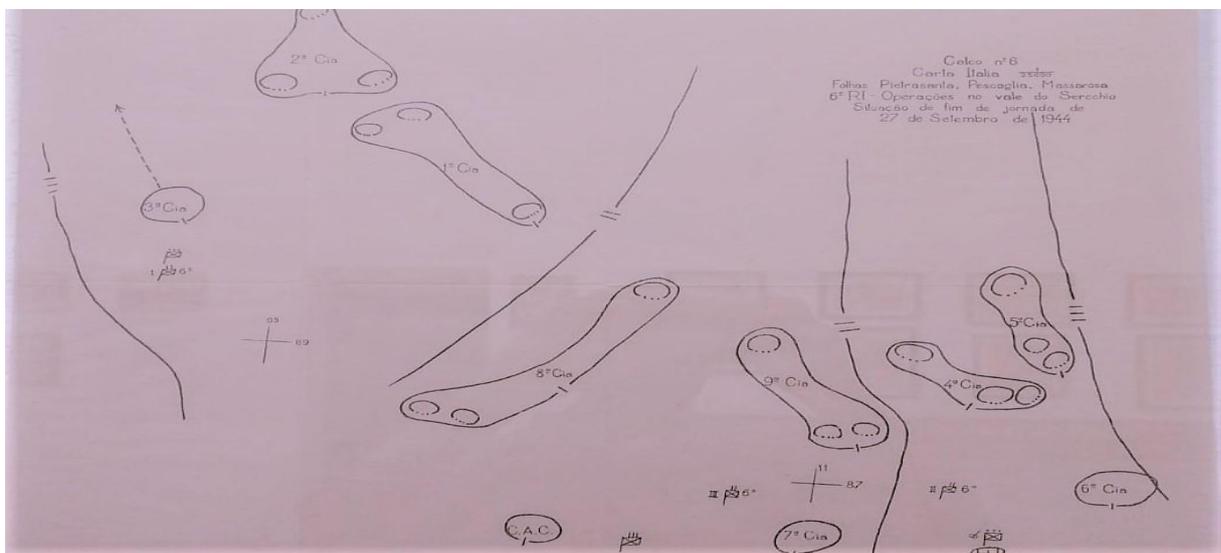


Imagem 3 – Calco nº6. Fonte: Museu do Ipiranga. Caçapava: 6º Batalhão de Infantaria Leve.

As primeiras missões foram bem cumpridas. A FEB apesar de inexperiente demonstrou muito esforço para concluir seus objetivos. Mostrando cada vez mais ser capaz de atuar frente as melhores tropas da época.

6.4 1ª Fase: O destacamento FEB e as operações no Vale do Rio Serchio

No dia 6 de outubro o 3º Blt capturou uma grande fábrica de munição após ter conquistado a cidade de Fornaci de Barga. A artilharia brasileira ficou impedida de atuar devido a lama ocasionada pelo mau tempo na localidade e também por que os alemães destruíram as estradas principais durante as suas retiradas. (SILVEIRA, 1947)

Em 8 de outubro a cidade de Barga, a este do Rio Serchio, foi ocupada pela 8ª Cia. Após isso o Regimento seguiu para a conquista de Galicano, essa sob intensos fogos de artilharia e muitos tiros de armas automáticas que vinham do Monte Faêto e cotas 408 e 437. O 1º Blt que estava em reserva ao IV C Ex, que retornou ao Regimento. (SILVEIRA, 1947)

No dia 13 de outubro os alemães fizeram os primeiros prisioneiros brasileiros. Dentre os quais havia o soldado João Lopes, que conseguiu enganar os alemães e fugir, retornando a linhas amigas. Ainda no dia 13 os brasileiros conseguiram contato com o inimigo que ocupava a linha de Monte Faêto – Monte Vano e alguns elementos em Somacolônia. (SILVEIRA, 1947)

No dia 17 de outubro o 6º RI já possuía um mês de contato com os alemães e o Ministro da Guerra realizou uma visita as tropas brasileiras em Bolognana. (SILVEIRA, 1947)

No dia 23 de outubro foi publicado o boletim com o resumo dos principais feitos do RI até aquele momento na Itália. Em resumo o boletim exaltava os feitos da FEB sempre tendo à frente o 6º RI nas conquistas de diversas cidades como Massarosa até Bolognana. E também destacou a atuação em Monte Prano com a audaciosa Patrulha do Tenente Cabral e o fato de terem aprisionado mais de oitenta alemães e detrimento de terem ficado apenas dois soldados brasileiros em posse do inimigo. O Regimento atuava como a vanguarda da FEB e estava se saindo muito bem. (SILVEIRA, 1947)

Um herói também não foi esquecido no boletim, seu nome era Cesário Aguiar. O soldado da 8ª Cia, que tombou no dia primeiro de outubro na região de Ponte Cavaloro. Quando seu grupo estava ocupando sua posição no terreno, um inimigo feroz se colocou à frente dos brasileiros. Cesário então abriu fogo contra o inimigo onde derrubou os primeiros adversários. Nesse contato o soldado teve uma das pernas dilaceradas por uma rajada dos alemães, mas mesmo ferido rastejou para uma nova posição e abriu fogo novamente contra o inimigo deixando mais adversários no chão. Essa ação chamou a atenção dos demais alemães que concentraram seus fogos em Cesário, que continuou atirando até seus últimos momentos de vida . Graças a esse feito seu grupo conseguiu repelir o inimigo e a ação logrou êxito. (SILVEIRA, 1947)

Durante a manhã do dia 30 de outubro, o Regimento atacou o Monte São Quirico e Trepignana com bom êxito. Na madrugada do dia 31 o inimigo contra-atacou a frente da 3ª Cia, recuando após várias horas de confronto direto. Mas a 3ª Cia foi obrigada a ceder terreno após

a artilharia alemã atacar um grupo de cargueiros que conduzia munição para a companhia. Na tarde do dia 31 a 1ª Cia com pouca munição e pesadas baixas recuou bem como a 2ª Cia. Com falta de reservas o reestabelecimento do dispositivo era impossível e no final da tarde os elementos reocuparam a base de partida. (SILVEIRA, 1947)

Mais alguns heróis brasileiros caíram durante esse contra-ataque. O 1º Ten José Maria Pinto Duarte, que mesmo atingido por rajadas de metralhadoras se recusou a ceder a hemorragia e continuava a tentar orientar seus subordinados, mas o ferimento e os fortes fogos inimigos tornaram o seu prosseguimento na missão impossível. Seus companheiros tentaram levar o Tenente de volta as linhas amigas, mas ele percebendo a dificuldade e que poderia colocar a vida de seus companheiros em perigo pediu para que eles “liquidasse” o seu sofrimento. Os companheiros rejeitaram dar esse fim inglório aquele herói e o deixaram em um local com a finalidade de o buscar mais tarde. Infelizmente o Tenente foi encontrado morto após patrulha realizada pelo Cap Atratino, mas seu feito exemplar permaneceu. (SILVEIRA, 1947)

Ainda durante o contra-ataque alemão tombou o Aspirante a Oficial José Gerônimo Mesquita. Defendendo com sua vida a posição a qual foi designado. Pertencente a classe de homens que nunca recua durante o combate demonstrou o verdadeiro espírito de luta do soldado brasileiro. O jovem teve fim digno de um comandante, junto a sua tropa, na qual ficou ao seu lado até o ultimo segundo de vida. Junto ao seu corpo foi encontrado também o 2º Sgt Geraldo Berti que acompanhou seu comandante de pelotão até o fim. (SILVEIRA, 1947)

Por fim se encerrou a atuação do 6º RI no Vale do Rio Serchio. E as vitórias que se escreveram nessa dura trajetória tornaram os brasileiros cada vez mais fortes em seu ideal para honrar o seu compromisso com a pátria e também a memória dos heróis que tombaram no cumprimento de sua missão.

6.5 2ª Fase: Porreta Terme, Monte Belvedere, Monte Castelo, Soprasasso e Castelnuevo, as operações no Vale do Reno

Novembro começou com a extinção do então Destacamento FEB que passou a ser chamado de 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). Cumprindo Ordens do comando do IV C Ex, as operações objetivaram o Rio Reno, compondo a nova zona de ação dos brasileiros. (FARIAS, 2015)

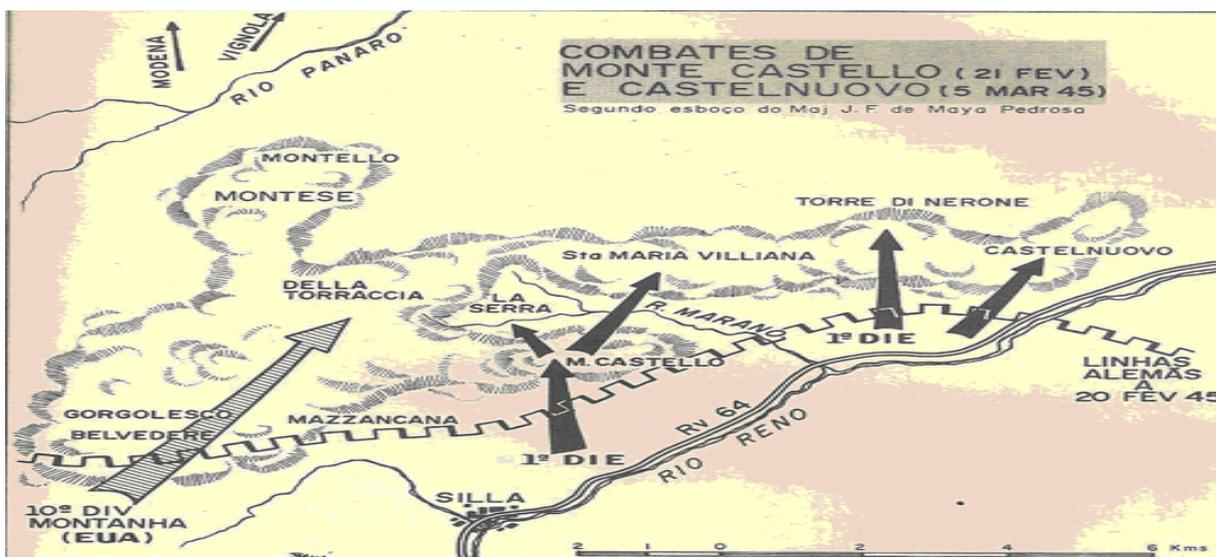


Imagem 4 – Combates de Castello e Castelnuevo. Fonte: **Defesanet**. Brasília-DF, 2014.

O 2º Blt foi substituído pelo 370º RI Americano no dia primeiro. Na noite do dia 2, o 2º Blt foi tomou a posição na região de Panazzo. O 3º Blt que estava em Barga, também foi substituído para entrar em posição em Volpara. No dia 5, foi a vez do PC do Regimento deslocar-se de Ghivizano para Porreta Terme. (SILVEIRA, 1947)

A partir de 6 de novembro, o RI ficou no subsetor balizado pelos 2º e o 3º Blt, responsáveis por Palazzo – Torre de Nerone – Volpara – Castelaccio. Do dia 8 para o dia 9, 1º Blt entrou em posição na região de Riola, a disposição da Gardner Force. (SILVEIRA, 1947)

Na noite de 19 de novembro, o 3º Blt foi substituído pelo 2º Blt do 1º RI e partiu em direção de Ca di Christo para ficar à disposição da DIE. No dia 20 foi a vez do 2º Blt ser substituído pelo 3º Blt do 1º RI e então estacionar em Borgo Capone. (SILVEIRA, 1947)

Feitos heroicos foram realizados durante a realização das frequentes patrulhas brasileiras. No dia 8 de novembro o então 3º Sgt Onofre Ribeiro de Aguiar, da 5ª Cia, saiu a comando de uma patrulha. Infiltrou-se nas posições inimigas de maneira ousada e capturou uma guarnição de metralhadora alemã, subjugando e capturando o inimigo. No retorno as linhas amigas, a patrulha do sargento ainda encontrou mais alemães e, depois de forte luta, conseguiu retornar com uma peça de metralhadora e dois inimigos capturados. Por esse ato heroico o Sargento foi promovido ao posto de 2º Tenente. (SILVEIRA, 1947)

6.5.1 Monte Belvedere e Monte Castelo

No dia 24 de novembro, o 3º Blt, então em reforço a *Task Force 45*, atacou os montes Belvedere e Castelo. Monte Castelo consistia em uma valiosa localidade, pois, possuía

dominância sobre a estrada 64, que ligava Pistóia, Porreta Terme e Bolonha, importante eixo de suprimentos e comunicação do IV C Ex. (MORAES, 2005)

Sem preparação de artilharia e apoio aéreo para realizar a ação em surpresa, o que não deu certo. O 3º BIt manteve a posição mesmo sendo detido e contra-atacado pelo inimigo, a unidade americana, no flanco esquerdo brasileiro, foi dizimada pelos alemães. (GARCIA, 2008)

Ao entardecer do dia 24 veio a ordem de cessar os ataques a Monte Castelo. Apesar das dificuldades táticas o 3º BIt tornou a atacar na manhã do dia 25, mas foi contra-atacado pelo inimigo que contava com forças superiores a dos pracinhas no momento. Mas uma vez teve que recuar para que não houvessem mais perdas. (SILVEIRA, 1947)

A *Task Force 45* recuou após mais uma tentativa fracassada de conquistar Monte Castelo. Mas com saldo positivo, pois, havia conquistado o Monte Belvedere, que era de extrema importância, no flanco esquerdo, para um novo ataque a Monte Castelo. (MORAES, 2005)

No dia 26 nas mesmas condições do ataque do dia anterior, foi determinado mais uma ofensiva, mas essa foi cancelada devido ao grande número de baixas causadas pelos alemães. E então o 3º BIt foi substituído pelo 1º/11º RI, ficando em reserva durante o segundo ataque feito pelos 1º e 11º RI a Monte Castelo, que mais uma vez era sem resultado. (SILVEIRA, 1947)

No dia 12 de dezembro houve novo ataque, com três batalhões tirados do 1º R.I. e 11º R.I., sem resultado. Somente em 21 de fevereiro, após o inverno rigoroso, com novo plano de ataque e empregando um regimento completo (1º R.I.), auxiliado por um batalhão do 11º R.I., é que Monte Castello Seria conquistado pelos brasileiros. (GARCIA, 2008)

A temperatura baixou muito na segunda quinzena de dezembro chegando a -18°C o que tornou a neve mais um obstáculo na Itália. Devido as condições climáticas as atividades de ambos os lados se resumiam em patrulhas até o final de 1944. (SILVEIRA, 1947)

Entrando em 1945, mais exatamente na madrugada do dia 8 para o dia 9 de janeiro, os alemães realizaram um violento ataque à frente da 8ª Cia. Cerca de setenta homens passaram por um cemitério próximo a localidade, e se aproveitando do frio e da escuridão realizaram uma ação ofensiva, mas foram repelidos após árduo combate. No mesmo dia do ataque inimigo houve a substituição do 1ºBIt pelo 2º/1º RI, onde o 1ºBIt estacionou em Porreta ficando em reserva da DIE. (SILVEIRA, 1947)

Mais um herói nascia durante o ataque do inimigo na madrugada do 9 de janeiro, seu nome era Jorge Teixeira de Almeida, soldado da 8ª Cia. O soldado percebendo a penetração do inimigo pelo cemitério logo o atacou com sua carabina, mas verificou que o inimigo era de um número muito maior. Vendo que era impossível deter seu avanço ele correu para buscar granadas de mão e acompanhado de mais um soldado as lançou em diversos pontos. O inimigo pensou que estava cercado e logo recuou. Essa ação do Soldado Jorge impediu o inimigo de ter domínio de uma valorosa posição e manteve o controle brasileiro sobre a área.

No dia 23 de janeiro, os pracinhas tiveram contato com a primeira experiência de iluminação do campo de batalha por refletores pertencentes as baterias antiaéreas inglesas que se encontravam em Savignaro, Vaina de Soto e Ponte Dela Venturina. (SILVEIRA, 1947)

Passado um mês, no dia 23 de fevereiro, houve a mudança de comando no 6º RI. O Coronel João de Segadas Viana foi substituído pelo Coronel Nelson de Melo, no comando do Regimento. E o Tenente-Coronel Anibal de Andrade passou a ser o Subcomandante no lugar do Tenente-Coronel João Batista Rangel. (SILVEIRA, 1947)

No dia 3 de março o Regimento recebeu a missão de estabelecer ligação com o 10ª Divisão de Montanha Americana e ocupar as localidades de Braine, Rocali e Santa Maria Viliana. No dia 4 o Regimento ocupava as cotas 882 e 822, Morro Dela Croce, e a cota 800 a oeste da Torre de Nerone. (SILVEIRA, 1947)

6.5.2 Soprassaso e Castelnuevo

Ainda no dia 4 a 9ª Cia entrou em linha em Roca Corneta e no dia 5 uma velha aspiração do Regimento foi realizada, a conquista de Soprasasso, que foi muito comemorada pelos brasileiros.

O chamado Colosso de Pedra, era a posição de onde o inimigo atormentava os brasileiros, pois, sempre que os pracinhas atravessavam a ponte de Marano o inimigo abria fogo imediatamente. E após atravessar a ponte o próximo ponto de encontro era na estrada de Palazzo, onde eram recepcionados com fogos de morteiro. (SILVEIRA, 1947)

E nesse inferno de aço, eram feitos os nossos abastecimentos. As vítimas aumentavam cotidianamente. O nosso tributo era grande em homens e aguardávamos impacientes o dia de conquistar o nosso colosso de pedra. (SILVEIRA, 1947)

Ainda nessa data o Regimento atacou as cotas 702, 722, 720 e também conquistou Castelnuevo, todos sob forte oposição do inimigo principalmente em Soprasasso. (SILVEIRA, 1947)

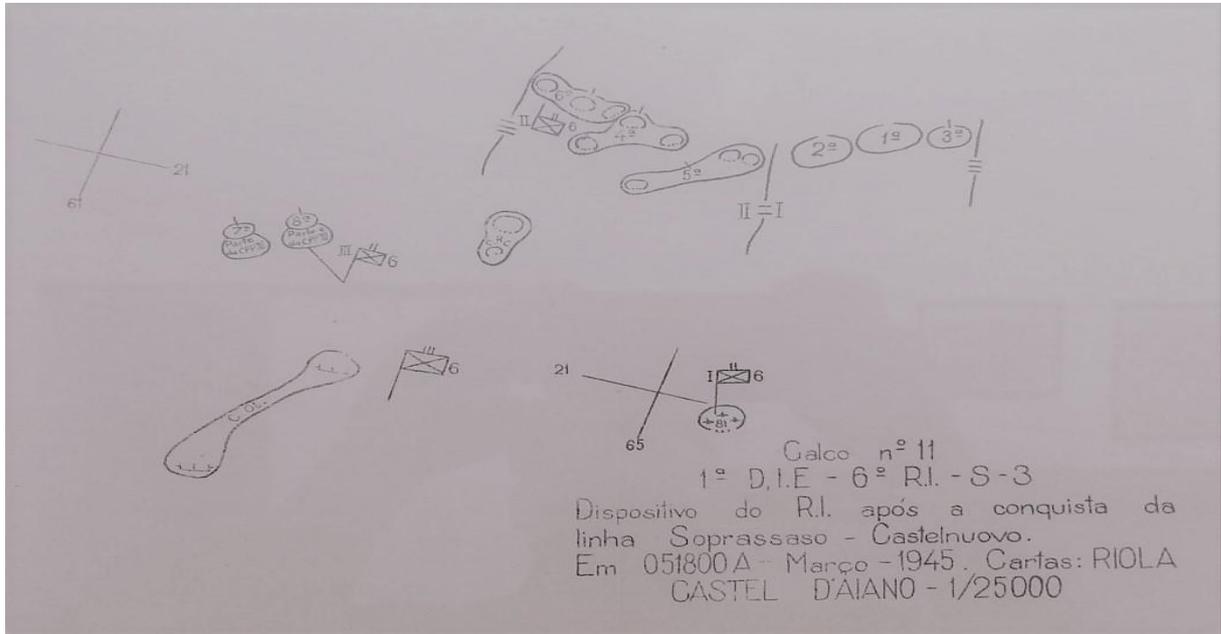


Imagem 5 – Galco nº 11. Fonte: **Museu do Ipiranga**. Caçapava: 6º Batalhão de Infantaria Leve.

A ação de Soprasasso e Castelnuevo rendeu aos pracinhas a seguinte apreensão em materiais e homens: 72 prisioneiros (9 suboficiais, 2 sargentos, 49 cabos e 12 soldados), 6 metralhadoras e um reparo, 2 fuzis metralhadores, 20 fuzis, 2 carabinas, 14 canos sobressalentes de metralhadora, 4 bocais para lançamento de granada de fuzil, 2 bazucas, 81 granadas de mão, 8 caixas de munição de fuzil, 8 minas anti-pessoal , 17 granadas de morteiro 81mm, 19 máscaras contra gases e vários outros materiais de menor importância.

“Pagamos caro a vitória, mas essa foi a amostra da arrancada final que estava prestes a ser desencadeada.” (SILVEIRA, 1947)

E assim se encerrava mais um capítulo na trajetória do Regimento em direção a vitória final nos campos de batalha italianos. Agora se iniciava a ofensiva da primavera, a qual liquidou definitivamente os exércitos nazifascistas que combatiam na Itália.

6.6 3ª Fase: As operações no vale do Rio Panaro, a ofensiva da primavera e a conquista de Montese

No dia 10 de março de 1945, mais uma vez o comando da 1ª DIE recebeu ordens do IV Corpo de Exército para realocar seus homens, sua nova zona de ação agora era no Rio Panaro. A nova missão da FEB era manter a todo o custo suas posições, lançar reconhecimentos agressivos na área, cobrir o flanco da 10ª Divisão de Montanha Americana e ficar em condições de aproveitar o êxito até o Rio Panaro. (FARIA, 2015)

No dia 7 de abril o Regimento passou a reserva da DIE e nesse dia começou a ser substituído por elementos do 11º RI. Já no dia 9 o PC do Regimento se encontrava em Pietra Colora, o 1ºBlt em Falfare, o 2ºBlt na região de Abetaia, o 3ºBlt em Caselia e Vária di Soto, a Cia de Obuses em Gagio Montano, a Cia de Serviços em Masonte e a Cia de Comando Regimental e a Cia de Canhões Anti carro em Pietra Colora. (SILVEIRA, 1947)

No dia 13, o 3ºBlt passou a ficar à disposição da 1ª DIE para, caso necessário, ser empregado durante as operações ao qual o 11º RI estava responsável.

6.6.1 Montese

No dia 14 de abril de 1945 teve início o combate mais sangrento onde a FEB combateu. O árduo combate para a conquista da localidade de Montese. Essa localidade se encontra uma vasta área de colinas e também tendo como fronteiras as províncias de Bolonha e Modena. Por suas características de terreno e vegetação se consistia numa forte área defensiva para as tropas inimigas e uma grande ameaça para as tropas aliadas.

O ataque foi iniciado com o emprego do 11º RI e o 2º/1º RI, ou seja, sem a ação direta do 6º RI. O ataque a Montese foi planejado e executado pelo comandante da 1ª DIE embora ele tenha utilizado tropa de valor regimental. (MORAES,2005)

No início da manhã do dia 15 o 3ºBlt partiu em direção a Il Monte Canevaccia. Já as 14 horas a 8ª Cia ocupou a cota 855, sendo hostilizada por fogos de artilharia e metralhadora durante quase todo o deslocamento, e a 9ªCia a cota 810, ambas com a missão de reforçarem o ataque a Montese. A 7ª Cia e a Companhia de Petrechos Pesados do 3ºBlt permaneceram em Il Monte. (SILVEIRA, 1947)

A 8ª Cia após conquistar a cota 855 continuou sua progressão e ocupou Serreto, cota 824, a norte de Montese. Sob violento fogo que tiveram fim na madrugada do 15. Nessa ação geraram 44 baixas, sendo 3 mortos e 41 feridos, além de 2, dos 7, carros de combates que

estavam em apoio serem destruídos. No início da manhã conseguiu penetrar em Montese e realizar contato com elementos do 11º RI. (SILVEIRA, 1947)

No final da tarde do dia 15 o comando da 1ª DIE ficou encarregado de manter as posições e prolongar seus setores para leste. Ao 3º/6º RI ficou encarregado de conquistar as cotas 927 e 794. Ao ocupar a posição de partida que estava balizada pela cota 824 na encosta sul de Montebuffone, o dispositivo foi desarticulado mais uma vez pela poderosa artilharia alemã. Uma nova tentativa foi realizada com uma patrulha de um pelotão reforçado, mas também sem êxito. (SILVEIRA, 1947)

O campo de minas e a forte resistência inimiga que se encontrava na localidade foram os responsáveis pelo recuo brasileiro a continuar o ataque para conquistar a cota 927. Onde Montese era vista como um verdadeiro inferno pelos constantes fogos de artilharia alemã. (MORAES, 2005)

Então foi decidido que se paralisassem os ataques as cotas 927 e 794. O 3ºBlt foi substituído pelo 2ºBlt na noite do dia 17 de abril, a fim de se reorganizar, pois, havia sofrido grande baixas. (SILVEIRA, 1947)

No dia 18 de abril, o 6º RI passou a reserva da 1ª DIE e o 2º Blt foi substituído pelo 2º/11º RI durante a noite do dia 18 para o dia 19. E assim se encerrou a participação do 6º RI em Montese.

A DI Brasileira foi a única Grande Unidade que cumpriu integralmente a missão recebida. As outras (92ª Divisão Americana, 1ª Divisão Blindada, a 10ª Divisão de Montanha e 6ª Divisão Blindada Sul-Africana) pouco progrediram e sofreram grandes perdas. A Divisão Brasileira recebeu, dentro de Montese, só numa noite, mais granadas do que todas as outras somadas, sem arredar pé das posições conquistadas. (ALMEIDA, 1985)

Nos combates para conquistar Montese o Regimento teve as seguintes baixas: 14 praças mortos; 5 oficiais e 120 praças feridos; 6 praças acidentados e 3 praças desaparecidos, totalizando 148 homens. (SILVEIRA, 1947)

Montese foi caracterizado como o combate mais sangrento da FEB na campanha da 2ª GM. A quantidade de baixas foi enorme e a necessidade de se reorganizar era evidente. O 6º RI agora partia para a última fase da guerra.

6.7 4º Fase: As operações no Rio Pó, Collecchio e Fornovo di Taro

Após a conquista de Montese a artilharia alemã ainda atuava sob a posição brasileira. Mas os brasileiros foram percebendo que os fogos alemães iam diminuindo progressivamente ao longo da frente defendida pela FEB. A partir desse fato eram fortes os indícios que o inimigo estava retraindo. (MORAES, 2005)

No dia 19 o inimigo já tinha retraindo em toda a sua frente, e no período noturno a 1ª DIE recebeu a missão de limpar a margem leste do rio Panaro e capturar elementos inimigos na direção geral Zocca – Morsello a fim de impedir o retraimento inimigo. (FARIA, 2015)

No dia 20 de abril de 1944 o 6º RI recebeu a missão de progredir na direção geral de Montetortore – Zoca. Ocupou por volta das 16 horas a linha Giantino – C Rubini, pois, Zoca estava fortemente defendida pelo inimigo. Mas no início da manhã do dia 21, junto a uma companhia de carros americana, o Regimento conseguiu ocupar Zoca aproveitando o êxito e limpando o rio Panaro. (FARIA, 2015)

No fim do dia 21 o 6º RI se encontrava assim no terreno: 1ª Cia em Cá di Valente; a 2ª Cia em Spaltarino; a 3ª Cia em Comba-La Tôrre; 4ª Cia no Monte Gorone; a 5ª Cia no Monte Tênio; a 6ª Cia em Braglia di Sopra. O 3º Blt permanecia em Zoca e o PC avançado em Cávolo. (SILVEIRA, 1947)

Após ocupar os objetivos fixados, no dia 24 de abril a unidade ocupava as seguintes posições: 1ª Cia em Cá di Filippe – Cá di Frátti; a 2ª Cia em Cá di Giardini e Cá di Sopra; a 3ª Cia em Sulfanelli, Cá di Cirri e cota 210; 4ª Cia em Graci e C. Maloni; a 5ª Cia no Monte Tênio; a 6ª Cia em Denzano, P. Galloni e Barbarola. (SILVEIRA, 1947)

Era evidente o grande avanço realizado pelas tropas brasileiras no território inimigo. No final do dia 25 o 1º Blt já ocupava Montechio, o 2º Blt San Polo D'Elza e o 3º Blt estava em Bebiano. Assim a FEB já ocupava diversos territórios, anteriormente, pertencentes ao inimigo. Dentro dessas ações ainda haveria o aprisionamento de mais 184 alemães. (MORAES, 2005)

Informações do IV Corpo de Exército indicavam que a 232ª Divisão Alemã estava em retirada para o norte. E então deu ordem para a 1ª DIE que bloqueasse e reconhecesse as rodovias que davam acesso as localidades de Berceto, Parma, Fornovo e Collecchio. (MORAES, 2005)

No dia 26 a 2ª Cia e a 8ª Cia tiveram contato com inimigo na região de Collecchio, junto ao Esquadrão de Reconhecimento da 1ª DIE. (SILVEIRA, 1947). Então o Marechal Mascarenhas de Moraes enviou o 2º/11º RI e o Esquadrao de Reconhecimento em direção ao

inimigo. Após combate que estendeu até a madrugada e com grande resistência do inimigo, enfim, a localidade foi conquistada. (MORAES, 2005)

Após dominar Collecchio, patrulhas foram realizadas para verificar as estradas e edificações. Ao meio-dia do dia 27 de abril os alemães haviam sido dominados e com isso houve a captura de 588 alemães e diversos materiais militares. (MORAES, 2005)

Após informações recolhidas, foi verificado que o inimigo, provavelmente a 148ª DI Alemã e a 361ª R Bld, se deslocava no eixo Collecchio – Fornovo. Então o comandante da 1ª DIE decidiu montar uma manobra de cerco para deter as tropas inimigas que rumavam em direção ao rio Pó. (FARIA, 2015)

6.7.1 A rendição incondicional da 148ªDI Alemã em Fornovo di Taro

No dia 27 de abril de 1945, o 6º RI recebeu a missão de entrar em contato com o inimigo que estava retraindo e captura-lo, na região entre os rios Taro e Baganzas, apoiando-se em Felino-Maiatico e em Fornovo. Para isso contou com o apoio da 1ª Bateria (Bia) e um pelotão de carros médios do 760º Batalhão de Carros Americano. (SILVEIRA, 1947)

A operação começou da seguinte maneira: O 1º Blt progrediu no eixo Collecchio-Fornovo apoiado pelo pelotão de carros, a bateria de artilharia e a Companhia de Obuses do Regimento. O 2º Blt progrediu na direção geral S. Polo-S. Vitale- Neviano di Rosse-Fornovo, para envolver a última localidade. O 3º Blt ficou em Bosconcelo a fim de cumprir qualquer missão que lhe fosse atribuída. (SILVEIRA, 1947)

Na noite do dia 27, o Capitão auxiliar do S/3 que acompanhava o 2º Blt chegou ao PC do Regimento, em Bibiano, para informar que o 2º Blt havia tomado contato com o inimigo na região de Respício e que a ocupação das localidade dominante foi surpreendentemente rápida e que as tropas alemãs estavam reunidas na estrada de Collecchio.(SILVEIRA, 1947)

Ainda durante a noite do dia 27, a tropa brasileira seguiu o inimigo e percebeu que este estava contraindo seu dispositivo, adentrando na área de Fornovo. Foi então que o Coronel Nelson de Melo, comandante do 6º RI, resolveu enviar um ultimatum de rendição para a tropa inimiga por meio do sacerdote italiano Don Cavalli. (MORAES, 2005)

Don Alessandro Cavalli, na época era Sacerdote na Paroquia Noviano di Rossi da Diocese de Parma, freguesia de Fornovo di Taro. Por volta das 15 horas do dia 27 de abril, tropas brasileiras do 6º RI chegaram a igreja paroquial e logo o Major Oest, comandante do 2º Batalhão, junto ao 1º Tenente Armando Castelo Veiga, interprete do italiano, se apresentaram ao sacerdote. Confiando assim a missão de parlamentar para entrar em contato com as tropas

alemãs que se encontravam em Fornovo, a fim de enviar uma intimação de rendição incondicional, de conformidade com as leis internacionais. (CAVALLI, 1951)

“Aceitei a missão, e caminhando a pé cerca de 6 quilômetros para atingir às 16:30 horas a localidade de Respiccio (Caseificio Arduini Pasquale di Respiccio), onde encontrei o Comando da Divisão Alemã.” (CAVALLI, 1951)

Após enviar o comunicado aos oficiais alemães, o sacerdote ficou detido por aproximadamente três horas. O sacerdote também foi questionado por diversos oficiais sobre qual era os efetivos das tropas brasileiras, a potência e a qualidade das armas e sobre a localidade onde as tropas brasileiras se encontravam. Apesar de todas as perguntas o sacerdote insistia numa mesma mensagem: “você devem se render, pois, estão completamente cercados e já não há mais possibilidade de salvarem-se do cerco.” (CAVALLI, 1951)

As 19:30 um oficial bem idoso, que havia sido embaixador em Roma e falava muito bem italiano, pediu ao sacerdote que ele dissesse ao comando brasileiro que escrevesse as condições da rendição, e depois voltasse que os alemães estavam o esperando. O sacerdote pediu para voltar na manhã seguinte, pois, já era noite e pediu encarecidamente para que não atirassem durante as tratativas de rendição. (CAVALLI, 1951)

O sacerdote, caminhando sempre a pé, chegou na casa paroquial às 20:30. Onde encontrou o Major Oest, junto a mais oficiais, para comunicar o que havia acontecido durante as tratativas junto ao inimigo. Após relatar o combinado com o oficial alemão o major foi até o comandante do 6º RI e voltou só no outro dia pontualmente às 8 horas da manhã com uma carta que devia ser entregue ao comando das tropas alemãs. (CAVALLI, 1951)

Ao comando da tropa situada na região de Fornovo – Respício: Para poupar sacrifícios inúteis de vidas, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao comando das tropas regulares do Exército Brasileiro, que estão prontos para vos atacar. Estais completamente cercados e impossibilitado de qualquer retirada. Quem vos intima é o comandante da vanguarda da Divisão Brasileira, que vos cerca.guardo dentro do prazo de duas horas a resposta do presente *ultimatum*. (a) Nelson de Mello, Coronel Comandante. (SILVEIRA, 1947)

O ultimato então foi respondido as 11:15 nos seguintes termos: “Senhor Coronel Nelson de Melo. Depois de fornecida alguma indicação ao Comando Superior competente, resultará a resposta. (a) Major Kuhn.” (SILVEIRA, 1947)

Devido a resposta inconsistente a ousada atitude do Coronel Nelson de Melo, pois, os brasileiros estavam em menor número, iniciou-se o ataque contra o inimigo as 13 horas do dia 28 de abril. (FARIA, 2015)

O 1º Blt atacou em direção a Collecchio-Fornovo, apoiado pela 1ª BIA e a um pelotão de carros americano; o 2º Blt atacou em direção a Respício-Fornovo, em ação conjunta ao pelotão de carros médios americano; e o 3º Blt deslocou a 9ª Cia para Madesano e depois para Felegara, onde substituiu o Esquadrão de Reconhecimento. (SILVEIRA, 1947)

Na frente do 1º Blt, os carros de combate foram detidos ao sul da ponte de Scodogna. A 3ª Cia dominou Talignana e Segalara e a 2ª Cia sofreu grandes perdas e se encontrava a direita de Segalara, foi reforçada com um pelotão da 1ª Cia. Então o 1º Blt se manteve fixando o inimigo que estava ocupando posição defensiva em Gaiano. (SILVEIRA, 1947)

As 21 horas após fortes fogos de artilharia o inimigo tentou contra-atacar, mas foi repellido pela 3ª Cia. Por volta de 22 horas três parlamentares alemães, chefiados pelo Major Kuhn, Chefe do Estado-Maior da 148ª Divisão de Infantaria alemã, cruzaram as linhas brasileiras para realizar a rendição. (FARIA, 2015)

Os alemães mais uma vez perguntaram sobre as condições para a rendição e mais uma vez o foram respondidos que a rendição era incondicional. Mas o Major Kuhn corrigiu os brasileiros e disse referir-se à execução da rendição, pois, havia uma grande quantidade de homens, animais e viaturas, dentre eles cerca de 800 feridos que necessitavam de socorros urgente. Ainda acrescentou que a divisão possuía elementos da 90ª Panzer Granadier e da Divisão Bersaglieri Itália e o comandante italiano o General Mario Carlone, que se encontrava em Fornovo. E pediu ainda que a esse chefe italiano fosse dado o mesmo tratamento que seria dado ao General alemão Otto Fretter Pico, Comandante da 148ª DI alemã. (SILVEIRA, 1947)

Irrepreensível no uniforme; impecável no aprumo o Chefe do Estado-Maior da 148ªDI era a personificação do orgulho nazista. O Major Kuhn, pertencente ao exército regular alemão, manteve todo o tempo das conversações, atitude tipicamente militar, aprumado em sua cadeira, numa pose marcial e muitas vezes arrogante. (SILVEIRA, 1947)

A 1 hora da manhã do dia 29 de abril, enquanto ainda corriam as negociações, o inimigo ainda tentou mais uma vez retornar à posição de Segalara. Foram repellidos com muitas perdas. (SILVEIRA, 1947)

O PC do RI ficava perto da posição de Bateria do 3º Grupo. Em consequência os entendimentos se processavam sob a sinfonia compassada do troar dos canhões brasileiros de 105mm que lançavam projetos mortíferos nas cambaleantes forças alemãs prestes a receber o golpe de misericórdia [...] a regulação da rendição ao ritmo dos tiros que indicavam a potência material das Forças Brasileiras e arrasavam inexoravelmente os arrogantes arianos e satélites. (SILVEIRA, 1947)

Devido ao tamanho e importância da 148ª DI alemã e das demais forças que a acompanhavam, o Coronel Nelson de Melo se dirigiu ao PC da Divisão para informar ao Marechal Mascarenhas de Moraes qual era a situação. Então o comando da 1ª DIE determinou que os termos de rendição fossem conduzidos pelos Coronel Lima Brayner e o Tenente-Coronel Castelo Branco. (FARIA, 2015)

Do resultado dos termos de rendição ficou decidido que a artilharia brasileira cessasse fogos a partir de 5:20 da manhã do dia 29 de abril, e que as tropas alemãs deveriam se apresentar nos postos de coletas de prisioneiros em Scogdogna e Segalara a partir do meio-dia. (FARIA, 2015)

O Comandante do 6º RI retornou ao PC do Regimento e informou aos alemães os termos da rendição. Após terminarem as negociações e antes de partir, o Major Kuhn se dirigiu ao Coronel Nelson de Melo e em francês disse: “Mon Colonel. Vous êtes très heureux par votre victoire. Je vous envie.” Em tradução literal ele disse: “Meu Coronel. Sois muito felizes pela vitória. Eu vos invejo.” E então os alemães retornaram as 5:40 da manhã do dia 29 para suas linhas. (SILVEIRA, 1947)

Apesar da grandiosidade das tropas e do material e também de alguns acidentes, a rendição ocorreu de maneira tranquila. 14.779 militares foram apreendidos, dos quais dois oficiais generais, oriundos da 148ª DI alemã, 90ª Divisão Panzer e da Divisão Bersaglieri italiana. Também foram aprisionadas 1000 viaturas, 1500 viaturas hipomóveis, cerca de 4000 animais e muito material bélico. E levando em consideração que toda a ação em Fornovo di Taro teve apenas 5 mortos e 50 feridos pelo lado brasileiro. (FARIA, 2015)

Além de todo esse material apreendido acrescenta-se os materiais que foram aprisionados nas operações no Vale do Rio Sérchio e em Soprasasso para se ter uma real ideia do tamanho dos feitos do 6º RI durante as operações da FEB.

O valoroso Sexto Regimento de Infantaria iniciou a sua gloriosa campanha a 15 de setembro de 1944 e encerrou-a, praticamente, a 29 de abril de 1945, com a rendição espetacular da 148ª DI alemã, sob o comando do Major-General, Otto Fretter Pico e

da Divisão Bersaglieri Itália, comandada pelo General de Divisão, Mario Carloni, existindo ainda remanescentes da 90ª Divisão Panzer. (SILVEIRA, 1947)

A captura da 148º DI Alemão se configurou no maior feito da 6º RI na campanha da FEB. Também coroou a excepcional campanha da unidade brasileira Itália. Participando de toda campanha da FEB, sendo a primeira a desembarcar no campo batalha e a primeira a entrar em contato com o inimigo.

7 O FIM DA 2ª GUERRA MUNDIAL E O RETORNO DO HEROIS BRASILEIROS

7.1 Os últimos atos na Guerra

A campanha em solo europeu acabou para o 6ºRI no dia 29 de abril de 1944 com as ações em Fornovo di Taro, mas a guerra ainda não estava oficialmente encerrada. Italianos e alemães estavam se rendendo de maneira frequente. As hostilidades na península itálica cessaram no dia 2 de maio, após o exército alemão, que se encontrava a sudoeste da Itália, se render.

Na Edição de 3 de maio, o jornal italiano Reggio Democrática publicou o seguinte: “ O rádio de Milão difundiu o seguinte apelo: O Comando Supremo das Forças Aliadas no Mediterrâneo comunica: o Comandante em chefe dos Exércitos Alemães do Sul, Coronel General Henzig Von Bitingof, rendeu-se com todas as forças germânicas e fascistas sob o seu comando. Emitiu ordens que devem ser obedecidas com presteza. Devem cessar fogo imediatamente e permanecer onde se encontram aguardado novas ordens.” (SILVEIRA, 1947)

Em 7 de maio os Exércitos Alemães na Europa Ocidental se renderam incondicionalmente. As 2:30 da manhã do 8 de maio de 1945, enfim, o General Gustavo Jodl, Chefe do Estado-Maior Alemão, apresentou-se ao General Eisenhower, no Quartel General do Comando Supremos das Forças Expedicionárias Aliadas em Reims, para pedir a rendição da Alemanha Nazista. (SILVEIRA, 1947)

E finalmente a Itália estava livre e a paz voltaria a reinar na Europa. O maior conflito do mundo que teve início em setembro de 1939 finalmente estava em seu capítulo final, após cinco anos de longos combates e de milhões de vidas ceifadas.

7.2 A volta para casa dos heróis

As tropas brasileiras, apesar do fim da guerra, ainda permaneceram na Itália por mais algumas semanas, sendo empregada como tropa de ocupação. Tendo em vista garantir a ordem públicas para que os governos tentassem se estabilizar da maneira mais tranquila possível, pois, haviam sérios choques entre os Partigiani, membros de um movimento armado contra o fascismo na Itália, e os remanentes Fascistas. (MERON, 2009)

As tropas brasileiras foram aos poucos substituídas por tropas aliadas, e levadas para o ultimo acampamento: O acampamento de Francolise, na região de Campania no litoral da Itália. Mas anteriormente os brasileiros estavam em Tortona, na região de Piemonte, permanecendo de 4 de maio até 9 de junho, onde então onde partiram para Francolise. (SILVEIRA, 1947)

No dia da partida para Francolise, houve grossas lagrimas em Tortona, Voghera, Castelnuevo Scrivia, enfim em todas as localidades por onde andaram os nossos homens que pelos seus dotes de coração conquistaram os naturais, deixando eterna recordação nesses famosos locais palmilhados outrora pelos Sforzas, Savóias, pelo Mestre Napoleão e recentemente pelos bravos Sul-Americanos que se escreveram modernamente na história da inolvidável Tortona. (SILVEIRA, 1947)

No dia 15 de junho todo o Regimento já se encontrava em Francolise. Quando chegaram se depararam com diversas casas de madeira, destinadas a cozinha, construídas pelos prisioneiros alemães sob custódia de soldados negros americanos. E apesar de todos os percalços e dificuldades os brasileiros tinha a visão de que aqueles eram os momentos finais antes da tão sonhada volta para casa.

No dia 5 de julho mais precisamente as 18:30, enfim, iniciava-se o embarque no Navio General Meiggs, no porto de Nápoles, rumo ao Brasil. Por questão de justiça os elementos do 6º RI voltaram no primeiro escalão, pois, foram eles a chegar primeiro na Itália. (SILVEIRA, 1947)

No dia 18 de julho de 1945, os brasileiros finalmente reviam a sua terra natal. A viagem de volta foi totalmente diferente, pois, não havia mais a tensão e o medo da guerra. E foi levada como um passeio onde o samba, jogos e brincadeiras eram sempre presentes. A viagem também foi mais rápida do que a de ida, por que não era mais necessário os rodeios e manobras evasivas dos submarinos alemães. (MERON, 2009)

Os pracinhas estavam muito ansiosos por finalmente colocarem o pé em terra natal. E brincavam que para a sorte melhorar, ao descer do navio, deveriam pisar primeiro com o pé direito. No meio da multidão que ansiava a volta de seus pais, irmãos, namorados, etc. se viam muitos beijos, abraços e apertos de mão. (MERON,2009)

Os escalões da FEB desfilavam, no Rio de Janeiro, em comemoração ao grandioso feito realizado na Itália e em meio a hinos e congratulações a multidão se aproximava, procurando ter alguma recordação dos heróis brasileiros. (MERON, 2009)

7.3 O futuro

Com certeza, as maiores consequências do envio de tropas para a Europa, no Brasil, foram de caráter político. Pois acima de tudo o objetivo era aumentar o prestígio diplomático em frente ao mundo. Em compensação havia uma contradição: A FEB havia ido a Europa, junto aos Aliados, para lutar contra o Nazi-Fascismo e a favor a democracia e liberdade dos povos, mas dentro do próprio país mantinha um regime ditatorial no governo de Getúlio Vargas. (SANTA,2014)

Sendo assim, o chamado “Novo Mundo” não havia mais espaço para governos que não fossem democráticos. E sabendo disso Vargas tinha consciência de que seu governo ditatorial não permaneceria por muito mais tempo. Com medo de que os heróis que lutaram na Itália reivindicassem para o Brasil a liberdade pela qual tanto lutaram na Europa, Vargas queria a desmobilização prematura da FEB o mais rápido possível. (SANTA, 2014)

Em 29 de outubro de 1945 Vargas foi deposto pelo Alto Comando do Exército, onde se retirou para sua cidade natal, São Borja. No dia 30 o então presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, assumiu a Presidência da República. E então em janeiro de 1946 o cargo foi passado para Eurico Gaspar Dutra, que obteve vitória nas eleições superando os candidatos Eduardo Gomes, UDN, e Ledo Fiúza, PCB. Então o ex-ministro da Guerra de Getúlio Vargas assumiu o país. (FGV, 2020?)

7.3.1 Político

Para alguns historiadores como Carvalho (2005), a principal consequência política para o Brasil foi a aproximação e o alinhamento político com os Estados Unidos. Essa aproximação pós-guerra se deve ao contexto da Guerra-Fria que o mundo vivia após a Segunda Guerra Mundial. (SANTA, 2014?)

7.3.2 Econômico

A economia do Brasil antes da guerra se resumia a produção agrária, mais especificadamente ao café e o algodão. Com o início do conflito o comércio exterior aumentou e se expandiu, com destaque as matérias-primas de valor estratégico para o combate como borracha e minério de ferro. (SANTA, 2014?)

Após o término do conflito, os países europeus, que constituíam em um importante mercado das matérias-primas brasileiras, estava arrasado pelos duros combates. E então as exportações do Brasil voltaram a ser de produtos primários. (SANTA, 2014?)

Também influenciou gravemente na economia do Brasil a grande perda dos navios mercantes brasileiros, afundados pelos submarinos alemães, e os grandes gastos para os esforços de guerra, mais ou menos US\$ 361 milhões, que apenas foram saldados em 1954. (SANTA, 2014?)

E apesar da Companhia Siderúrgica Nacional, que gerou um surto de industrialização no país, o Brasil em sua essência era agrário. (SANTA,2014?)

7.3.3 Militar

A necessidade de modernização nas Forças Armadas era evidente. Em comparação com os outros países do mundo, o Brasil, deixava muito a desejar. A adoção da doutrina militar americana em detrimento da antiga e ultrapassada doutrina francesa e as adaptações as singularidades nacionais deram origem a doutrina militar brasileira. (SANTA,2014?)

Mas o que realmente importava era o a recuperação do brio do soldado brasileiro, que foi ao desconhecido, lutou e venceu. Venceu as dificuldades, a incerteza, os obstáculos naturais e o inimigo. Demonstrando o valor do soldado brasileiro para as demais nações do mundo.

7.3.4 Social

O Brasil, apesar de por pouco tempo, viveu um período onde se uniu em um ideal. Os ataques nazistas aos navios mercantes brasileiros moveram manifestações para pressionar o governo a declara guerra contra os países do Eixo. Exigindo retaliações e mobilização de tropas, o brasileiro se viu coeso em destruir o inimigo que infligiu sua soberania e então cresceu o sentimento de nação. (SANTA, 2014?)

Houve também a “americanização” em todo o ocidente. Por meio do *american way of life* onde o inglês se tornou a língua mais falada do mundo, sendo disseminada por meio da música e do cinema. (SANTA, 2014?)

Até os dias de hoje, na cidade de Caçapava-SP, são comemorados os feitos do 6º Regimento de Infantaria. Devido a modernização do Exército o antigo 6º RI hoje se chama 6º Batalhão de Infantaria Leve, integrado na 12ª Brigada de Infantaria Leve (AMV), sendo atualmente uma das principais unidades do Exército Brasileiro. As conquistas do antigo Regimento Ipiranga vivem na memória do povo de sua cidade sede e as relações do batalhão com a população são de grande proximidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir, pelos fatos citados nesse trabalho, que a participação do 6º RI nas operações da FEB durante a 2ª GM foi um sucesso. O Regimento Ipiranga participou de todas as fases da campanha brasileira na Itália e compôs de maneira eficaz a vanguarda de muitas missões, sendo muitas vezes a principal força durante muitas vitórias brasileiras na Europa.

A pesquisa desenvolvida foi composta por fatos anteriores ao objeto principal da pesquisa, tendo em vista uma melhor compreensão do período e principalmente o entendimento dos fatores que levaram o conflito a acontecer.

Também foi abordado aspectos sobre os quais vivia o Brasil na época. Esses acontecimentos foram essenciais para o entendimento das dificuldades para a formação de uma força brasileira que pudesse combater na Itália.

A cobra realmente fumou. Os feitos da desacreditar da Força Expedicionária Brasileira demonstraram o verdadeiro valor do soldado brasileiro. Lutando lado a lado e contra aos melhores exércitos do mundo conseguiu o reconhecimento tão merecido para os pracinhas, os quais não fugiram ao chamado da pátria, foram ao continente do outro lado do oceano e venceram não só o combate mas também a descrença que o mundo tinha sobre o brasileiro.

As missões concluídas e os combates bem-sucedidos fizeram do 6º RI o principal regimento a compor a FEB. Os feitos únicos realizados pela tradicional unidade paulista, como os acontecimentos de Fornovo di Taro, evidenciam o desenvolvimento das forças brasileiras durante a guerra.

Os feitos dos brasileiros na 2ª GM não tem o devido reconhecimento. Apesar das homenagens feitas, como o Monumento dos Expedicionários, com o passar das gerações os pracinhas foram cada vez mais esquecidos. Esse fato culminou na desvalorização e desmoralização dos heróis que colocaram em jogo suas vidas em prol de defender a soberania do Brasil.

Por fim esse trabalho, por meio da pesquisa realizada, alcançou seu objetivo de realizar uma singela homenagem aos heróis que combateram junto ao 6º Regimento de Infantaria nas operações da FEB. Bem como valorizar ainda mais as conquistas as quais são atribuídas hoje ao 6º BIL e inspirar as futuras gerações de soldados.

REFERÊNCIAS

- 69 ANOS DA TOMADA DE MONTE CASTELO. **Defesanet**, 2014. Disponível em: < <https://www.defesanet.com.br/ecos/noticia/14284/69-anos-da-tomada-de-Monte-Castelo/> >. Acesso em 13 de abril de 2020.
- ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Montese: marco glorioso de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.
- ALVES, Vágner Camilo. **Da Itália à Coreia – decisões sobre ir ou não à guerra**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BATISMO DE FOGO DA FEB. **Exército Brasileiro**, 2015. Disponível em: < http://www.eb.mil.br/web/imprensa/resenha/-/journal_content/56/18107/6173016?refererPlid=18115#.XsvfzGhKi00 >. Acesso em 20 de maio de 2020.
- CALMON, Pedro. **História do Brasil (vol 6) - Século XX**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1959.
- CASTRO, Diego Armando da Silva de. **A Mobilização do Exército Brasileiro e o Envio de Tropas Para os Fronts da 2ª Guerra Mundial**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Sul da Santa Catarina, Tubarão, Santa Catarina, 2017.
- CAVALLI, Don Alessandro. DON CAVALLI FALA DA RENDIÇÃO ALEMÃ, DEPOIMENTO DE 7 DE MARÇO DE 1951. **Taiadaweb**, 2015. Disponível em: < <http://www.taiadaweb.com.br/segunda-guerra-don-cavalli-fala-da-rendicao-alema/> >. Acesso em 25 de abril de 2020.
- COGGIOLA, Oswaldo. **A Segunda Guerra Mundial – um balanço histórico**. São Paulo: FFLCH, 1995.
- CRIAÇÃO DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL. **FGV**, 2020?. Disponível em:< <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EstadoEconomia/CSN> >. Acesso em 16 de abril de 2020.
- CUNHA, Paulo R. F. SOCIEDADE. **Globo**, 2018. Disponível em:< <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/01/hollywood-paulo-cunha.html> >. Acesso em 27 de abril de 2020
- DIRETRIZES DO NOVO ESTADO (1937-1945) - QUEDA DE VARGAS E FIM DO ESTADO NOVO. **FGV**, 2020?. Disponível em:< <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas> >. Acesso em 14 de abril de 2020.
- FARIA, Durland Puppim de (Org.). **Introdução à História Militar Brasileira**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015.

GARCIA, Clóvis. AS BATALHAS BRASILEIRAS NA ITÁLIA. **Jornal GGN**, 2008. Disponível em: < <https://jornalggn.com.br/historia/brasileira/as-batalhas-brasileiras-na-italia/> >. Acesso em 29 de maio de 2020.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

POR QUE O JAPÃO LUTOU NA GUERRA?. **Hoje na Segunda Guerra Mundial**, 2017. (9:11). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=U9z3sBPXln4&list=PLRyNS7kgL_LmdXYd4v0dS4PguI7ZQrrpm&index=51 >. Acesso em: 27 de maio de 2020.

LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Elonir José. **Introdução ao Estudo de História Militar Geral**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015.

MERON, Luciano Bastos. **Memórias do Front: Relato de Guerra dos Veteranos da FEB**. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2009.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu Comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército ED., 2005.

MUSSALÉM, Josué Souto Maior. **II Guerra Mundial sessenta anos depois: os impactos do conflito sobre o Brasil**. Recife: COMUNIGRAF, 2005.

NASCIMENTO, Rodrigo Carlos do. A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA. **SlideShare**, 2016. Disponível em: < <https://pt.slideshare.net/rconascimento/a-historia-serve-para-fazer-a-guerra> >. Acesso em 31 de maio de 2020.

OLIVEIRA, Dennison de (Org.). **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Centro de Estudo e Pesquisa de História Militar do Exército, 2012.

PINTO JÚNIOR, Domingos Ventura; MEDEIROS JÚNIOR, José Dinoá. **A conquista de Monte Castelo e La Serra**. Porto Alegre: Genesis, 2003.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **História Econômica Geral**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.

SANTA, Fernando Dala. **A Forças Expedicionária Brasileira: Da Sua Criação às Consequências da Participação na Segunda Guerra Mundial**. 2014. XVII Semana Acadêmica de História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2014.

SILVEIRA, Antorildo. **O 6º RI Expedicionário**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1947.

